

Trabalho de Conclusão de Curso

**ESTUDO DE PÚBLICOS EM
MUSEUS: ANÁLISE DOS
VISITANTES AGENDADOS DO
MUSEU HISTÓRICO DE
SANTA CATARINA**

Cristina Maria Dalla Nora



**Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Graduação em Museologia**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Cristina Maria Dalla Nora

**ESTUDO DE PÚBLICOS EM MUSEUS: ANÁLISE DOS VISITANTES AGENDADOS
DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA**

Florianópolis

2019

Cristina Maria Dalla Nora

**ESTUDO DE PÚBLICOS EM MUSEUS: ANÁLISE DOS VISITANTES AGENDADOS
DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Museologia do Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a obtenção do Título
de Bacharel em Museologia.
Orientador: Prof (a). Dra. Renata Cardozo Padilha

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Dalla Nora, Cristina Maria
ESTUDO DE PÚBLICOS EM MUSEUS: ANÁLISE DOS VISITANTES
AGENDADOS DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA
CATARINA. / Cristina Maria Dalla Nora ; orientadora,
Renata Cardozo Padilha, 2019.
90 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Estudo de público. 3. Museu
Histórico de Santa Catarina. 4. Visitantes. I. Cardozo
Padilha, Renata . II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Cristina Maria Dalla Nora

**ESTUDO DE PÚBLICOS EM MUSEUS: ANÁLISE DOS VISITANTES AGENDADOS
DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Museologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 12 de julho de 2019.

Prof.^a Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes,
Dra. Coordenadora do Curso de Museologia

Banca Examinadora:

Prof.^a Renata Cardozo Padilha, Dra.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Valdemar de Assis Lima, Me.
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof.^a Inês Cordeiro Gouveia, Dra.
Membro da Banca
Universidade Federal de Santa Catarina.

Este trabalho é dedicado ao meu avó Nereu do Vale Pereira por todo o apoio nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Para o desenvolvimento deste trabalho que está aqui apresentado, não posso deixar de expressar o meu carinho e gratidão a todos que, de alguma forma, participaram e auxiliaram neste processo. Quero deixar o minha estima e reconhecimento nomeadamente:

Primeiramente quero agradecer ao meu querido avô Nereu, pela confiança, incentivo e por tudo que ele me ensinou e continua me ensinando.

À minha estimada orientadora Professora Renata Cardoso Padilha pela confiança em em que eu seria capaz de entregar este trabalho e também pela dedicação em se disponibilizar para que eu conseguisse finalizar essa graduação em Museologia.

Ao meu amor, Adriano, pela compreensão e o incentivo para a concretização desta etapa e no auxílio na elaboração dos gráficos.

À minha mãe por todo o apoio e ajuda durante esse período e a minha irmã Julia, pela ajuda com a revisão do abstract.

Ao meu pai por sempre me acompanhar e me apoiar nas minhas aventuras.

Mas também, de forma especial a equipe do Núcleo de Ação Educativa do MHSC, Christiane Maria Catellen, Márica Lisboa Carlsson e Cristiane Pedrini Ugolini, por todas as tardes que passamos juntas e por todas a ajuda durante esse processo.

RESUMO

A presente pesquisa é caracterizada como um estudo de público em instituição museológica e teve como objetivo realizar uma investigação acerca dos visitantes agendados do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), entre os anos de 1991 e 2016. A metodologia utilizada para a pesquisa foi o estudo de caso, já que os resultados foram interpretados e analisados a partir dos dados coletados dentro do contexto do Museu Histórico de Santa Catarina. Após a tabulação e análise das informações compiladas podemos afirmar que o perfil do visitante do museu é na sua grande maioria por estudantes do 5º ano do ensino fundamental de escola pública e residentes no estado de Santa Catarina. A importância da realização de um trabalho como este para a instituição, se dá no âmbito de que conhecer o seu público é uma das premissas para atingir a missão da instituição.

Palavras-chave: Estudos de Públicos. Museu Histórico de Santa Catarina. Visitantes.

ABSTRACT

The present research is a study of the public in a museological institution and have the objective to carry out an investigation about the scheduled visitors of the Historical Museum of Santa Catarina (MHSC), between the years of 1991 and 2016. The methodology used was the a case of study, the results were interpreted and analyzed from the data collected within the context of the Historical Museum of Santa Catarina. After the tabulation and analysis of the information compiled we can affirm that the profile of the visitor of the museum it is in great majority by students of the 5th year of elementary school of public education and residents in the state of Santa Catarina. The importance of carrying out a work like this for the institution, is given in the scope of knowing your audience, that is one of the premises to achieve the mission of the institution.

Keywords: Study of the public. Historical Museum of Santa Catarina. Visitors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Palácio Cruz e Souza.....	20
Figura 2: Projeto <i>Construindo</i>	22
Figura 3: Livro nº V aberto na página 02.	24
Figura 4: Livros de registros das visitas agendadas.	24
Figura 5: Tabela de agendamento semanal preenchida.....	26
Figura 6: Modelo de Experiência Museal proposto por Falk e Dierking em 1992.	34
Figura 7: Áreas de influência dos estudos de visitantes.	38
Figura 8: Livro nº I aberto na página 03.....	43
Figura 9: Tabela de agendamento com dados faltantes.....	57
Figura 10: Proposta de Tabela de agendamento semanal.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tabulação dados 1991.....	43
Quadro 2: Total Visitantes agendados x Mês.....	46
Quadro 3: Total Ensino fundamental x Ano.....	47
Quadro 4: Total de público escolar por natureza da instituição.....	48
Quadro 5: Total conforme tabela de agendamento de 2015.....	54
Quadro 6: Total conforme tabela de agendamento de 2016.....	55
Quadro 7: Dados dos visitantes do Ensino Fundamental conforme tabela de agendamento - 2015.....	56
Quadro 8: Dados dos visitantes do Ensino Fundamental conforme tabela de agendamento - 2016.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Total de visitantes agendados x Ano	49
Gráfico 2: Total de visitas por mês entre os anos de 1991 e 2016.	50
Gráfico 3: Total de visitante agendado x Ano.....	51
Gráfico 4: Total Ensino fundamental x Ano	51
Gráfico 5: Total de público escolar por natureza da instituição.....	52
Gráfico 6: Total de público escolar por procedência.	53
Gráfico 7: Porcentagem conforme tabela de agendamento 2015.....	54
Gráfico 8: Porcentagem conforme tabela de agendamento 2016.....	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FCC - Fundação Catarinense de Cultura

MHSC - Museu Histórico de Santa Catarina

NAE - Núcleo de Ação Educativa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	OBJETIVOS.....	16
1.1.1	Objetivo Geral	16
1.1.2	Objetivos Específicos.....	16
1.2	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	16
2	O MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA.....	19
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	19
2.2	NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA.....	21
2.2.1	Livro de registro de visitas agendadas	23
2.2.2	Tabela de agendamento	25
3	O ESTUDO DOS PÚBLICOS DE MUSEUS	27
3.1	OS PÚBLICOS NOS MUSEUS	27
3.2	HISTÓRICO SOBRE O ESTUDO DE PÚBLICOS	30
3.3	METODOLOGIA DE ESTUDOS DE PÚBLICOS	34
4	OS VISITANTES AGENDADOS E O MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA.....	42
4.1	TABULAÇÃO DOS LIVROS DE REGISTRO DE VISITAS AGENDADAS	42
4.2	ANÁLISE DOS DADOS DOS LIVROS DE REGISTRO DE VISITAS AGENDADAS	48
4.3	TABELA DE AGENDAMENTO SEMANAL	53
5	CONCLUSÃO	59
	REFERÊNCIAS	61
	Apêndice A: Orientações de preenchimento da tabela de agendamento semanal	64
	Apêndice B: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1991	65
	Apêndice C: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1992	66
	Apêndice D: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1993	67

Apêndice E: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1994	68
Apêndice F: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1995.....	69
Apêndice G: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1996.....	71
Apêndice H: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1997.....	72
Apêndice I: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1999.....	73
Apêndice J: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2000.....	74
Apêndice K: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2001.....	75
Apêndice L: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2002	76
Apêndice M: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2003	77
Apêndice N: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2004	78
Apêndice O: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2005.....	79
Apêndice P: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2006.....	80
Apêndice Q: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2007.....	81
Apêndice R: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2008	82
Apêndice S: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2009.....	83
Apêndice T: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2010	84
Apêndice U: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2011	85
Apêndice V: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2012	86
Apêndice X: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2013.....	87
Apêndice Y: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2014.....	88
Apêndice Z: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2015	89
Apêndice AA: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2016	90

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objeto de estudo os visitantes agendados do Museu Histórico de Santa Catarina (MHSC), entre 1991 e 2016. A temática escolhida para a pesquisa surgiu após a realização do estágio curricular supervisionado desenvolvido pela discente na instituição e também pelo interesse em se aprofundar sobre a pesquisa de públicos. Além do mais, esta pesquisa corresponde a uma necessidade da instituição em produzir uma análise dos dados que são recolhidos pela equipe do museu, através dos agendamentos dos grupos.

O Museu Histórico de Santa Catarina, é uma instituição museológica administrada pela Fundação Catarinense de Cultura, fundada em 04 de outubro de 1978, na Casa da Alfândega, no município de Florianópolis. Conta diferentes tipologias de acervos, como o acervo arquitetônico, arqueológico, arquivístico, bibliográfico e museológico, sendo que o acervo museológico é “constituído por peças do século XIX e XX, tais como mobiliários, pinturas, esculturas, documentos impressos, medalhas, fotografias, armamentos, etc.” (MHSC, 2016, s/p). No ano de 1986, o MHSC é transferido para o Palácio Cruz e Sousa, que havia passado por um restauro arquitetônico, em 1984, para retomar as características da reforma realizada pelo Governador Hercílio Luz em 1898.

Refletindo sobre a criação dos museus, na maioria das vezes eles são instituídos com o objetivo de ser um local para a salvaguarda dos objetos, buscando então a preservação do patrimônio, seja ele histórico-cultural ou ambiental. O MHSC não fugiu a essa regra e no seu acervo pode-se encontrar, preservados, objetos que refletem a história política de Santa Catarina. Entretanto, os acervos devem estabelecer uma comunicação com os visitantes das instituições museológicas.

Nesse sentido, faz-se imprescindível que os museus conheçam os seus visitantes e como eles se relacionam com a exposição e com os objetos expostos. Diante disso, nos interessa saber qual é o perfil dos visitantes agendados do MHSC? E qual a natureza das instituições que visitam o MHSC?

As questões apresentadas foram traduzidas em objetivos, os quais definem os esforços deste estudo, uma vez que um de seus principais intuítos é alcançar os propósitos delineados. Tendo por foco analisar quantitativamente os visitantes agendados que frequentam o Museu Histórico de Santa Catarina - com a finalidade de

perceber qual a faixa etária predominante e com isso dar subsídios para um atendimento mais direcionado.

Este trabalho consiste num estudo sobre os visitantes agendados do Museu Histórico de Santa Catarina. Com isso, o estudo de visitante, conforme Almeida (1995), é considerado como todo esforço sistemático para a obtenção de informações sobre o públicos das instituições museais. Tal arranjo metodológico, segundo o referido autor, pode resultar na formulação de novos programas.

Assim, este trabalho tem o intuito de fomentar outras investigações de públicos, de forma que ele se torne, dentro dos anseios da instituição, um exemplo de metodologia para pesquisas dessa temática.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o quantitativo e o perfil dos visitantes agendados do Museu Histórico de Santa Catarina, a partir da metodologia de estudo de públicos em instituições museológicas.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Compreender a metodologia de estudo de públicos em museus;
- Identificar os visitantes agendados do Museu Histórico de Santa Catarina;
- Refletir sobre a quantidade e as características dos visitantes agendados do Museu histórico de Santa Catarina.

1.2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Foi escolhido como metodologia para o trabalho o estudo de caso, já que os resultados serão interpretados e analisados a partir dos dados coletados dentro do contexto em que o Museu Histórico de Santa Catarina está inserido. Esses dados, foram coletados durante a realização do estágio curricular da discente na instituição. É necessário enfatizar que as informações e conclusões geradas nesta pesquisa só terão

sentido para a instituição estudada, visto que se trata de um estudo de caso sobre o MHSC.

Como a investigação foi proposta *in loco*, o estudo de caso revelou-se a estratégia mais adequada aos objetivos pretendidos, que era de investigar os visitantes agendados - uma categoria de visitante específica do MHSC, com a intenção de traçar um perfil desses visitantes.

Posto isso, Ventura (2007, p.383) afirma que “toda pesquisa científica necessita definir seu objeto de estudo e, a partir daí, construir um processo de investigação, delimitando o universo que será estudado”. Todavia, quando se trata de um estudo de caso, não é salutar se ater apenas à verificação daquele caso, mas também levantar sua importância no universo em que está inserido. Por isso investigar denota fazer escolhas, pois em cada acontecimento é estabelecido um nível de agregação específico.

De acordo com Yin (2001) pode-se identificar seis tipos de estudo de caso definidos com base em duas dimensões distintas: número de casos (simples ou múltiplos) e finalidade do estudo (exploratório, descritivo ou explicativo). Conseqüentemente, os estudos de caso podem ser simples de caso exploratório ou múltiplos de caso descritivo. A presente investigação consiste em um estudo simples de caso descritivo que tem por objetivo descrever as características de um determinado objeto de investigação, relacionadas à sua classificação, medida e/ou quantidade. E a sua contribuição é tão somente proporcionar uma nova visão sobre uma realidade já existente. Com isso, ela pretende apenas elaborar a descrição de uma categoria de análise, que no caso são os visitantes agendados do MHSC entre os anos de 1991 e 2016.

Assim como em outras metodologias, o estudo de caso baseia-se em algumas questões principais como o porquê da investigação e o que se pretende alcançar com a mesma. Para Gil (2002), o propósito de um estudo de caso não é o de determinar o conhecimento preciso das características de uma população, e sim o de determinar uma “visão global do problema ou de identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.” (GIL, 2002, p.55).

Ainda em consonância com Gil (2002), o estudo de caso não aceita um roteiro rígido para a sua delimitação, no entanto é oportuno definir cinco fases que mostram o seu delineamento:

- a) formulação do problema;

- b) delimitação da unidade-caso;
- c) coleta de dados;
- d) avaliação e análise dos dados;
- e) preparação do relatório. (GIL, 2002, p.137).

No presente estudo, após a formulação do problema e a delimitação da unidade de estudo, foi desenvolvida a análise dos dados coletados durante o estágio supervisionado da discente, no Núcleo de Ação Educativa do MHSC. Esta técnica de investigação engloba a metodologia de recolha de dados quantitativos. Os dados foram recolhidos no segundo semestre de 2016 no Museu Histórico de Santa Catarina, nos livros de registro de visitas agendadas e nas tabelas de agendamento semanal.

Inicialmente será realizada uma pesquisa bibliográfica, com a finalidade de esclarecimento do assunto, para posteriormente desenvolver uma análise crítica dos dados.

2 O MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA

Neste capítulo apresentamos a instituição na qual foram coletados os dados para o desenvolvimento da análise dos visitantes agendados que frequentam o Museu Histórico de Santa Catarina. Sendo assim, será abordado um breve histórico do museu, bem como do seu Núcleo de Ação Educativa.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

As tentativas do governo estadual em implantar um Museu que representasse o Estado de Santa Catarina iniciaram no final da década de 1940, entretanto apenas na década de 1970 que o governador Antônio Carlos Konder Reis conseguiu de fato levar a cabo a execução do projeto.

Em janeiro do ano de 1977 foi criado um grupo de trabalho que elaborou um plano de implantação, com um pré-projeto de regulamento, um regimento e um organograma para o futuro Museu Histórico de Santa Catarina. Com isso, o MHSC é criado no dia “4 de outubro de 1977, através da Lei N. 5.476 de 4/10/77 e sua inauguração em 2 de março de 1979, tendo como primeira sede a Casa da Antiga Alfândega, na Rua Conselheiro Mafra” (BRUHNS, 2010, p. 48).

No ano de 1984 o governador Esperidião Amim tombou o Palácio Cruz e Sousa e ele deixa de ser sede administrativa do governo. Somente no ano de 1986 é que o Museu Histórico de Santa Catarina é transferido para o Palácio, através da Lei n. 6900, sendo até hoje sede desta instituição.

Localizado na Praça XV de Novembro, o MHSC, consta em suas dependências três jardins e o um memorial em homenagem ao poeta Cruz e Sousa (atualmente desativado, 2019). O acervo do museu é constituído por diferentes tipologias, como acervo arquitetônico, arqueológico, arquivístico, bibliográfico e museológico.

Figura 1: Palácio Cruz e Souza



Fonte: Márcio Henrique Martins/FCC, s/d.

A exposição do museu não apresenta um projeto específico e atualmente o piso térreo conta com exposições temporárias e uma sala dedicada ao poeta Cruz e Sousa. No piso superior a exposição tenta recriar os ambientes do final do século XIX e início do século XX, com a utilização de mobiliário remanescente no palácio e também com objetos que foram adquiridos ao longo dos anos.

No ano de 2014, deu-se início ao processo de construção do Plano Museológico da instituição, sendo aprovado e publicado no ano de 2015. O plano prevê projetos para serem desenvolvidos entre os anos de 2015 a 2018, norteando assim as suas ações. Neste documento também foi definida a missão do museu que é “Prestar serviços à sociedade por meio de pesquisa, ações educativas, comunicação, preservação do seu patrimônio arquitetônico e museológico, contribuindo para o fortalecimento da História de Santa Catarina”. (MHSC, 2015, s/p).

Juntamente com o Plano Museológico foi elaborada e aprovada a Carta de Serviços ao Cidadão do Museu Histórico de Santa Catarina, este documento tem como objetivo facilitar o acesso as informações referentes aos serviços, atividades, normas e procedimentos do Museu, com o intuito de garantir a eficácia da sua missão. Conforme a carta o museu busca prestar o seguinte conjunto de atividades: Acesso aos Bens Culturais; Exposições; Monitoria e Mediação; Apoio à Pesquisa e Educação; acesso a Biblioteca Setorial; Atividades Sociais e Culturais; Palestras; Cursos e Oficinas. No ano

de 2019, a sede do museu recebe três projetos: “Yoga no Palácio”, realizado em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), “Projeto Tango no Palácio” e Oficina de Improvisação Teatral para Crianças e Adolescentes, todos gratuitos.

Para o desenvolvimento dessas atividades o museu conta com um corpo técnico que abrange cerca de 25 funcionários, entre efetivos, terceirizados e policiais militares, de acordo com o site¹ oficial da instituição. Desses funcionários, dezesseis trabalham no Núcleo de Apoio Operacional², quatro no Núcleo de Ação Educativa (NAE), dois no Núcleo de Conservação e Restauro³ e um no Núcleo de Museologia.

Apesar de ter uma equipe de trabalho expressiva, o museu não apresenta no seu quadro de funcionários nem um museólogo e nem um historiador. Esses dois profissionais são de suma importância para o melhor desenvolvimento das atividades dentro da instituição.

2.2 NÚCLEO DE AÇÃO EDUCATIVA

O NAE do Museu Histórico de Santa Catarina, foi criado oficialmente no ano de 2015, quando da publicação do Regimento Interno da instituição. Entretanto as suas atividades tiveram início no ano de 2009, com a chegada da arte-educadora Christiane Maria Catellen e no ano seguinte com a chegada da arte-educadora Márcia Lisboa Carlsson. Também participam da equipe do NAE duas monitoras, a historiadora Veronice Nogueira e Simone Coelho, que atuam desde de 1995 e 2001, respectivamente, no atendimento dos públicos visitantes. No ano de 2014 o núcleo ganha uma sala própria, com um mini-auditório com 40 lugares, banquetas e mesas em tamanho acessível para os trabalhos com diferentes faixas etárias que o museu atende. Já no ano de 2015 a equipe se amplia para cinco (05) integrantes, com incorporação da educadora Cristiane Pedrini Ugolini.

As atividades desenvolvidas pelo núcleo priorizam a dinamização do espaço da instituição, tendo em vista que ele promove parceria com escolas, universidades, organizações não governamentais, entre outros. Uma das ações desenvolvidas pelo NAE é o projeto *Construindo*, que é realizado com um grupo de reeducandos da Penitência

¹ <http://cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/o-museu/17255-17255-equipe>

² Atividades relacionadas a segurança, limpeza e manutenção do museu.

³ No quadro técnico consta uma restauradora conservadora, Marcia Regina Escorteganha e uma estagiária.

Estadual de Florianópolis, com o intuito de oportunizar o acesso ao patrimônio cultural através da educação patrimonial como instrumento de inclusão sociocultural.

Figura 2: Projeto Construindo



Fonte: Acervo MHSC, s/d.

Outra ação importante para a instituição é o *Curso de formação para Professores: Interfaces com a Educação*, que tem como objetivo fazer com que esses profissionais se apropriem da expografia do museu como possibilidades de uso na prática docente.

Além dessas atividades, o núcleo iniciou no ano de 2015 o *Projeto de Formação Continuada da Equipe do MHSC* previsto no Plano Museológico da instituição. É um projeto voltado para os profissionais que atuam no museu, com o objetivo de fornecer subsídios para um melhor atendimento e também na coleta de dados sobre os públicos visitantes.

Como efeito e conforme é apresentado nos relatórios de atividades do MHSC, são consideradas as seguintes informações para o levantamento geral das visitas e os públicos do museu:

1. pesquisa e visita técnica;
2. seminários e cursos;
3. atividades sociais e culturais;
4. exposições de curta duração;
5. exposição de longa duração.

Deste modo, podemos afirmar que os públicos do MHSC, não compreende apenas os visitantes da exposição de longa duração ou de curta duração, mas todos os usuários do espaço da instituição bem como as pessoas que frequentam as atividades oferecidas no espaço do museu.

Atualmente o Núcleo de Ação Educativa também atua nas atividades relativas a sistematização do agendamento das visitas e na mediação dos grupos agendados. Portanto é responsabilidade do NAE o arquivamento das informações sobre os visitantes, bem como a elaboração e aplicação dos meios de avaliação dos públicos.

Exemplificando o que foi exposto, existe no museu as seguintes fontes primárias de pesquisa a cerca dos públicos visitante da exposição de longa duração: tabela de agendamento semanal e livro de registro de visitas agendadas.

2.2.1 Livro de registro de visitas agendadas

A utilização do livro de registro de visitas agendadas acontece desde o ano de 1991, com isso, a presente investigação pôde realizar uma análise amplificada deste público.

Neste livro é realizado o registro dos grupos que visitam a exposição de longa duração do MHSC, fica localizado junto ao balcão da recepção da instituição, sendo que o responsável pelo grupo é que realiza o preenchimento, contendo as seguintes informações:

- 1.Nome do Colégio;
- 2.Data;
- 3.Cidade;
- 4.Natureza da instituição (pública ou privada);
- 5.Número de alunos;
6. Ano;
- 7.Responsável pelo colégio;
- 8.Telefone

Figura 3: Livro nº V aberto na página 02.

Nome do Indivíduo	Data	Localidade	Sexo	Idade	Sexo	Residência atual	Sigla
ACERDES TO CARL	21/01/14	Foz de Iguaçu	X	8			
Luciana do Carmo	06/03/14	Foz de Iguaçu	X	25	89 anos		
Luiz Adriano	07/03/14	Foz de Iguaçu	X	49	78 anos		
Edna Maria	07/03/14	Foz de Iguaçu	X	7	87 anos		
Paula Cristina	20/03/14	Foz de Iguaçu	X	13	33 anos		
Antônio Carlos	20/03/14	Foz de Iguaçu	X	48	68 anos		
Paula Cristina	20/03/14	Foz de Iguaçu	X	13	33 anos		
Francisco	21/03/14	Foz de Iguaçu	X	22	42 anos		
"	21/03/14	Foz de Iguaçu	X	22	42 anos		
Valdir	21/03/2014	Foz de Iguaçu	X	29	4 e 5 anos		
TATIANA	22/03/2014	Foz de Iguaçu	X	26	17 anos		
Luiz Carlos	22/03/2014	Foz de Iguaçu	X	25	21 anos		
Luiz Carlos	24/03/2014	Foz de Iguaçu	X	24	40 anos		
Edna Maria	24/03/2014	Foz de Iguaçu	X	21	48 anos		
Verônica	24/03/2014	Foz de Iguaçu	X	18	37 anos		
Antônio Carlos	24/03/2014	Foz de Iguaçu	X	18	40 anos		
Luiz Carlos	24/03/2014	Foz de Iguaçu	X	18	40 anos		
CEJA - Foz de Iguaçu	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	8			
UNESC - Foz de Iguaçu	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	9			
Alina	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	18			
Alina	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	43			
Alina	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	28			
Alina	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	39			
Alina	28/03/2014	Foz de Iguaçu	X	40			
CEJA	02/04/2014	Foz de Iguaçu	X	39			
CEJA	02/04/2014	Foz de Iguaçu	X	50			
CEJA	02/04/2014	Foz de Iguaçu	X	43			
CEJA	02/04/2014	Foz de Iguaçu	X	18			

Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Como os campos sofreram alterações ao longo dos anos, a listagem apresentada a cima é da última configuração utilizada no livro de registro de 2014 a 2016.

Figura 4: Livros de registros das visitas agendadas.



Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Apesar dos campos serem relacionados com o ambiente escolar, neste livro são registradas todas as visitas que foram realizadas através de um agendamento prévio. Com isso as visitas que são desenvolvidas através dos projetos *Construindo* e Curso de formação para Professores: Interfaces com a Educação, também são consideradas neste preenchimento, além das visitas de Universidades, Centros de ensino técnicos, Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC's), os Centro de Referência de Assistência Social (CRAS e CREAS) e grupos de turismo.

2.2.2 Tabela de agendamento

No ano de 2015 foi instituída a tabela de agendamento semanal de visitas, como um novo instrumento de coleta de dados sobre as visitas agendadas. Essa tabela é elaborada na secretaria da instituição com as informações repassadas na ocasião do agendamento, como:

1. Dia;
2. Horário;
3. Ofício;
4. Número de alunos;
5. Escola/Colégio/Instituição;
6. Ano;
7. Cidade;
8. Natureza instituição;
9. Responsável;
10. Telefone;
11. Comparecimento;
12. Trouxe ofício;
13. Assinatura recepção.

Figura 5: Tabela de agendamento semanal preenchida

AGENDAMENTO SEMANAL DA MEDIAÇÃO - Via Recepção
Dia 22 a 25 de Abril 2015
*OBS: Nos domingos a entrada é GRATUITA! As escolas particulares agendadas neste dia serão isentas

Dia	Horário	Ofício	Nº A	Escola/Colégio/Instituição	Ano	Cidade	PA/PU	Respons.	Telefone	Compareceu	Trouxe Of.	Recepç.
22/abr	10:00	35	27/	Colégio S. N. S. de Fátima	3º	Palhoça	x	Estela	48-32335830	SI () NI ()	SI () NI ()	
22/abr	10:40	36	25/24	E. Erwin Prade	6º	Timbó	x	Cristiane	47-33821271	SI () NI ()	SI () NI ()	
23/abr	10:00/10:40	37	50/36	Polícia Militar Ambiental	12a14	Joinville	x	Cb. Josiane	47-34812121	SI () NI ()	SI () NI ()	J. Mes
23/abr	14:50	38	23-	NEI Judite Fernandes de Lima	3a4	Florianópolis	x	Geoviana	48-33374832	SI () NI ()	SI () NI ()	Compartilhe
24/abr	10:00/10:40	39	41/31	E.M. Waldemar Schmidt	5º	Jaraguá do S.	x	Indianara	47-32705431	SI () NI ()	SI () NI ()	J. Mes
25/abr	14:10/14:50	40	41/42	SOCIESC - Arquitetura	E.S.	Joinville	x	Linda	47-8914184	SI () NI ()	SI () NI ()	J. Mes
29/abr	14:50	41	24/23	EP. Luiz Pontes de Souza	2º	Florianópolis	x	Viviane	48-98941608	SI () NI ()	SI () NI ()	J. Mes





Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Posteriormente é encaminhada para a recepção do museu, onde a recepcionista fica encarregada de preencher com os dados do momento da visita, como o número de alunos presentes e os campos sobre comparecimento e se trouxe o ofício assinado.

Como o preenchimento deste instrumento é de responsabilidade de funcionários da instituição, este se mostra mais eficaz e confiável para uma análise mais acertiva do público agendado que visita o Museu Histórico de Santa Catarina, conforme veremos no capítulo 4.

3 O ESTUDO DOS PÚBLICOS DE MUSEUS

Neste capítulo é apresentada uma revisão bibliográfica sobre Museologia, públicos e estudo de públicos. Esta revisão é com um enfoque aos visitantes dos museus, com a elaboração da sua caracterização, bem como uma reflexão sobre a importância do estudo desses elementos para os museus - além de apresentar um histórico sobre os estudos de visitantes.

3.1 OS PÚBLICOS NOS MUSEUS

É comumente dito que os museus surgiram na Grécia, com o Templo das Musas, todavia as características dos “museus” daquela época sofreram diversas modificações ao longo dos tempos (SUANO, 1986). No início tinham a função de agradar as divindades e não de ser um local de contemplação dos homens. No século II A.C, em Alexandria os “museus” passaram a ter o caráter de saber enciclopédico, abrangendo diversos aspectos do saber. Somente a partir do século XIV é quando surgem as primeiras coleções principescas que se tem notícia, que impulsionaram os museus a se tornarem instituições como se conhece nos dias atuais, constituindo-se na posterior ampliação de acesso para toda a população (SUANO, 1986).

Essas mudanças ocorrem a partir da Revolução Francesa, em que os museus passam a ser locais públicos. Os acervos se tornaram patrimônio do Estado e, consoante a isso, surge uma preocupação na maneira de expor esses objetos. Nesta altura os museus foram criados com a função de colecionismo e salvaguarda dos objetos na busca da preservação do patrimônio seja ele histórico, cultural ou ambiental. No anseio dessa preservação, os museus eram pensados pelo e para os objetos. Assim como afirma Eloísa Pérez Santos

As bases sobre as quais esta instituição se baseia começam a ser questionadas logo após sua criação, de modo que o museu está em processo de mudança a partir do momento do seu nascimento, sendo uma instituição obsoleta ao longo do século XIX, para começar a se adaptar aos novos tempos do século XX. (PÉREZ SANTOS, 2000, p. 20) (tradução nossa)⁴

⁴ Las bases sobre las que se asienta dicha institución se comienzan a cuestionar poco después de su creación, por lo que el museo se halla en proceso de cambio desde el instante mismo de su nacimiento, siendo una institución obsoleta durante todo el siglo XIX, para empezar a adaptarse a los nuevos tiempos en el siglo XX. (original)

Esse novo tempo sugerido por Pérez Santos (2000) é impulsionado pela mudança na maneira como os museus veem a sua função, não mais apoiado apenas na preservação do objeto, mas na forma como os públicos se relacionam com o museu e sua exposição.

Em conformidade a isto, Hooper-Greenhill (2007), define as chaves do museu pós-moderno como:

(...)uma compreensão mais sofisticada das relações complexas entre cultura, comunicação, aprendizagem e identidade que irão apoiar uma nova abordagem para o público dos museus; um segundo elemento básico é a promoção de uma sociedade mais igualitária e justa; e vinculado a isto é uma aceitação que a cultura trabalha para representar, reproduzir e constituir identidades pessoais e que isso implica um senso de responsabilidade social e ética. (HOOPER-GREENHILL, 2007, p.1) (tradução nossa)⁵

Por esse motivo, os museus devem ser usados para esclarecer a trajetória do homem com o passar do tempo e o objeto museal deve ser trabalhado para isso. Dessa forma os objetos museológicos não devem estar preocupados apenas com a estética para os visitantes, mas também preocupado com a discussão inerente a ele.

Hooper-Greenhill (2007) ainda afirma que os museus também são uma forma de transmissão do conhecimento e por isso a importância da concepção das exposições e dos programas educativos dentro dos museus, como forma de difusão de valores, informações e conceitos. A autora também defende a ideia que os museus devem proporcionar ao visitante, oportunidades para que ele use o que já conhece para construir novo conhecimento e adquirir nova autoconfiança em si mesmo como aprendiz. (HOOPER-GREENHILL, 2007) Essas ideias mostram que as instituições museológicas passaram a se preocupar também com o seu papel junto à sociedade.

No início do século XX, surgiu nos Estados Unidos a proposta de avaliar a capacidade dos museus de informarem e construírem um público heterogêneo, como um projeto de extensão de educação para diferentes segmentos sociais. Mais especificamente, após a Segunda Guerra Mundial os museus deram início ao planejamento de atividades, à mudança de seu ambiente físico e tentaram criar uma maior aproximação com o visitante. (PÉREZ SANTOS, 2000)

⁵ (...) a more sophisticated understanding of the complex relationships between culture, communication, learning and identity that will support a new approach to museum audiences; a second basic element is the promotion of a more egalitarian and just society; and linked to these is an acceptance that culture works to represent, reproduce and constitute self-identities and that this entails a sense of social and ethical responsibility (original)

Os visitantes dos museus formam o aspecto mais importante de uma instituição museológica. Conhecer a quantidade de visitantes desses espaços e que parcela da população eles retratam se torna fundamental.

O curador de arte Teixeira Coelho (1999), a respeito da noção de público, define que

Público, remete ao conjunto de pessoas que não apenas praticam uma atividade determinada, mas diante dela assumem um mesmo tipo de comportamento, sobre ela expressam opiniões e juízos valor consideravelmente convergentes e dela extraem sensações e sentimentos análogos. (p. 322)

Dessa maneira, a formação do público é resultado da “(...) interação entre as condições sociais de acesso à educação, os meios de produção e de oferta nos subcampos da cultura e as predisposições individuais, social e culturalmente construídas”. (KÖPTCKE, 2010)

Para o museólogo Fernando João de Matos Moreira (2007, p.103),

“o conceito de público passa a incorporar aqueles que utilizam o museu ou, sobretudo no caso dos novos museus, que se utilizam do museu, independentemente da forma que essa utilização assuma. Ou seja, o conceito de público passa a repousar na idéia central de utilizador.”

Após contextualizar a ideia de públicos de museu, é preciso reconhecer o que leva uma pessoa a visitar um museu. Então, como elencaram Falk e Dierking (1992, p.14), seriam três as categorias de motivação para visitar um museu: “(1) Social-recreational reasons; (2) educational reasons; (3) reverential reasons”⁶. As motivações em consonância com esses autores foram especificadas conforme o grau, constituindo a razão social e recreativa o grau mais elevado e a razão reverente⁷ o mais baixo. Portanto, estes autores abordam a motivação como aspecto fundamental da experiência museal, ao associá-las às expectativas na composição do contexto pessoal.

Ainda sobre os visitantes dos museus, Carlos Ojeda Sánchez (2008) dispõe que, há dois grandes desafios: atrair novos públicos, com base na experiência de visitar as instalações do museu; e gerir melhor essa experiência, incentivando que as pessoas se

⁶ (1) Razões sociais e recreativas; (2) razões educacionais; (3) razões reverenciais (tradução nossa)

⁷ Para Falk e Dierking, razão reverente é aquela movida pelo interesse por objetos únicos e monumentos sacralizados.

tornem assíduas destes espaços e se transformem em porta-vozes, comunicando parentes, familiares e amigos a também viver essa experiência.

Para compreender como a evolução dos conceitos de públicos e as metodologias de estudo de público se relacionam, apresentamos abaixo um histórico que abordará como se deu esse processo.

3.2 HISTÓRICO SOBRE O ESTUDO DE PÚBLICOS

No ano de 1884, o inglês Henry Hugh Higgins, curador do Museu de Liverpool, na publicação *Museums of Natural History*, dedicou a primeira parte aos visitantes do museu. Esse seria o primeiro registro formal sobre estudo de visitantes de museu (MCMANUS, 1997). No entanto, a vontade de conhecê-los só apareceu em meados de 1910, nos Estados Unidos. Como consequência disso, iniciaram as primeiras pesquisas nesta área em 1916, quando Benjamin Gilman (1916) publicou um pioneiro trabalho sobre a chamada fadiga museal. Essa investigação mostrou que o interesse do visitante ao longo da exposição ia decrescendo.

Nesta época Gilman (1916) recomendou aos museus,

O uso de casos menores tem como consequência uma redução no número de objetos exibidos simultaneamente. Seria mais um passo no caminho que museus modernos já entraram para dividir seus conteúdos em séries de espetáculos e estudos e também em objetos alternados entre os dois. A era das pequenas e mutáveis exposições é também uma época de melhores exposições. (GILMAN, 1916, p. 74) (tradução nossa)⁸

Tomando-se por base esse primeiro trabalho, no final dos anos de 1920, as investigações de público foram impulsionadas pela Associação Americana de Museus, tendo como precursores os psicólogos Edward S. Robinson e seu colaborador Arthur W. Melton (PÉREZ SANTOS, 2000). Nesse período as pesquisas sobre os visitantes eram realizadas no âmbito da avaliação das exposições dos museus e interação do público com a mesma. Essa avaliação se baseava principalmente na análise dos públicos de acordo com a sua instrução e classe social, fazendo um paralelo com a percepção de cada pessoa acerca da exposição visitada.

⁸ The use of smaller cases has for a corollary a reduction in the number of objects show simultaneously. It would be another step in the pathway which modern museums have already entered upon in dividing their contents into show and study series and in alternating objects between the two. The era of smaller and changing exhibits is also an era of better exhibition. (original)

Posto isso, os psicólogos estadunidenses⁹ auxiliaram para os estudos no campo da educação e também no campo dos estudos de visitantes. Com isso inicia-se a linha de pesquisa focada na compreensão de como estes se apropriam das informações que a instituição museológica está pretendendo transmitir, a partir das variáveis comportamentais, espaciais e sociais; isoladamente ou na inter-relação das mesmas¹⁰.

Na década de 1960, passados quarenta anos das investigações de Robinson e Melton, na Europa, os investigadores do campo museal procuraram nas Ciências Sociais metodologias para obter dados quantitativos a fim de traçar o perfil dos públicos, e com isso deduzir as suas motivações e o comportamento, auxiliando como indicadores de medida e análise do impacto das instituições museais na sociedade (KÖPTCKE, 2002).

Uma das principais contribuições dessa época é do francês Pierre Bourdieu (2007), que publicou um trabalho¹¹ em 1966¹² sobre os públicos dos museus de arte na Europa. Essa investigação consistiu na elaboração e administração de um modelo de sondagem para verificar a frequência dos públicos aos museus em cinco países europeus (Espanha, França, Grécia, Holanda e Polônia). A investigação de Bourdieu foi dividida em três partes:

- i. Condições sociais para a prática cultural, que realiza uma análise empírica das relações instituídas entre a frequência aos museus e as diferentes características econômicas, sociais e nível de instrução dos visitantes;
- ii. Obras culturais e disposição culta, que procurou identificação da gênese e da estrutura entre o acesso a obras culturais e as diferentes classes que visitam um museu;
- iii. Leis da difusão cultural, que demonstra que os museus promovem uma generalização do seu sistema de comunicação com o objetivo de alcançar qualquer categoria de público.

⁹ Robinson e Melton, juntamente com a Associação Americana de Museus.

¹⁰ Importantes investigadores, apoiados nessas variáveis, são Jonh Falk e Lynn Dierking, que no ano de 1992 publicaram o estudo *“The museum experience”*, que será posteriormente abordado.

¹¹ Bourdieu dirigiu o conjunto da pesquisa com a colaboração de Dominique Schnapper, enquanto Alain Darbel construiu o plano de sondagem e elaborou o modelo matemático destinado à análise da frequência das visitas a museus. (Bourdieu, 2007)

¹² As pesquisas ocorreram entre os anos de 1964 e 1965.

A partir da análise desenvolvida ao longo da publicação, Bourdieu constatou que existe uma relação diretamente proporcional entre o nível de escolaridade do indivíduo, a posição social e as obras de arte expostas: quanto melhor o nível de instrução e posição social, maior é a sua proximidade com as obras de arte. Ele também verificou que as pessoas assíduas dos museus, citadas como “cultas”, são avessas à mediação e aos textos indicativos, já os que não frequentam constantemente os museus demonstraram grande interesse pelas atividades de mediação e pelos textos.

Somente no final dos anos de 1970 que os museus buscaram “conhecer como os públicos leem, se deslocam, fazem perguntas (quais), o que lhes interessa a respeito do assunto tratado, o que já conhecem sobre o tema, como interpretam as ideias apresentadas” (KÖPTCKE, 2002, p. 4), procurando informações para além de dados quantitativos.

Já na década de 1980, o psicólogo Bitgood, procurou embasar as suas investigações no *environment-behaviour relationship*, publicando um trabalho que pondera sobre as diferentes maneiras de realizar um estudo de visitante:

Existem vários tipos de pesquisas usadas em estudos de visitantes. Esses tipos diferem principalmente em termos do controle que exercem sobre as variáveis que estão sendo estudadas e, conseqüentemente, em termos de que tipos de perguntas elas respondem. (BITGOOD, 1988, p. 4) (tradução nossa)¹³

Neste sentido, ele discorre sobre três tipologias de investigações, *experimental research*¹⁴, *correlational research*¹⁵ e *descriptive/observational research*¹⁶, sendo que elas se diferem entre si em relação ao controle que exercem sobre as variáveis e em termos da tipologia de perguntas que buscam responder.

Nesse momento é que se pode observar a mudança na forma de pensar e conceber as pesquisas. Um autor de suma importância para esses avanços nos estudos de visitantes é John Falk, que tem as suas investigações ligadas aos museus, levadas a cabo na década de 1980. Um artigo que marca esse momento é o *The use of time as a measure of visitor behaviour and exhibit effectiveness* (FALK, 1982), no qual ele

¹³ There are several types of research used in visitor studies. These types differ primarily in terms of the control they exert over the variables being studied and, consequently, in terms of what kinds of questions they answer. (original)

¹⁴ Determina como variáveis isoladas influenciam o comportamento do visitante.

¹⁵ Analisa as relações entre o comportamento dos visitantes e as variações encontradas no ambiente.)

¹⁶ Coleta informações sobre como os visitantes reagem, seja por meio da observação direta ou auto-relato.

discute que o tempo gasto para visitar a exposição é considerado como uma medida de avaliação de satisfação, de impacto e de interesse dos visitantes. Ele também sublinhou uma metáfora entre os museus e as lojas de departamentos, em que os compradores determinados seguem diretamente para os objetos ou temas de interesse e gastam um tempo considerável nessa área, e pouco tempo em outras áreas. Ao final ele destaca que a informação e o tempo gasto pelos visitantes só tem validade quando existe o entendimento dos fatores que contribuem para esse determinado comportamento

Ainda na década de 1980, John Falk, em conjunto com Lynn Dierking, publica em parceria com Koran e Dreblow um importante trabalho - *Predicting Visitor behavior* - que discute as três perspectivas para prever o comportamento do visitante no percurso da exposição: 1) Perspectiva da exposição: Comportamento do visitante é o resultado do conteúdo para expografia e o design; 2) Perspectiva do visitante: Comportamento é o resultado de experiências passadas e interesses do visitante; 3) Perspectiva definida: Comportamento é o resultado de fatores sociais e ambientais, como se outras pessoas pararam ou não, se as exposições estão a direita ou esquerda do corredor e localização de banheiros. Uma conclusão interessante que eles identificaram, contrariando as teorias sobre a atração dos bons ou ruins projetos expográfico, é que a maioria das exposições tende a receber uma atenção maior na parte inicial, independente do projeto expográfico.

Interessados nessa temática da experiência museal, Falk e Dierking em 1992, lançam a obra - *The Museum experience* - mais emblemática sobre a temática dos públicos, na qual eles apresentam o *interactive experience model* que demonstra que uma visita a um museu é uma experiência holística com o cruzamento de quatro contextos: o físico, o pessoal, o social e o temporal, assim como demonstra a figura 6. Sendo assim eles evidenciaram que uma visita é mais que uma atividade cognoscente, já que é a junção de múltiplos condicionantes. Por isso a necessidade de uma abordagem interdisciplinar na concepção das exposições museológicas.

Figura 6: Modelo de Experiência Museal proposto por Falk e Dierking em 1992.



Fonte: Traduzido pela autora de Falk e Dierking, 2018;

Para além dos investigadores já citados, também são criadas organizações com o objetivo de estudar os visitantes. Estas por sua vez têm publicações exclusivas para esta temática. Bitgood apresenta que nos anos de 1970 são criados fóruns específicos de discussão sobre a temática dos públicos, sendo a *Visitors Studies Association (VSA)* a mais importante, e que mantém até os dias de hoje publicações ativas sobre os estudos de público e avaliações de exposições.

Percebe-se, a partir das investigações citadas, que a terminologia utilizada era de avaliação de exposições, quando se tratava de pesquisas relacionadas com os públicos de museus. Após os anos de 1990, entretanto, é que se passou a utilizar a termo *Visitor Studies*¹⁷, traduzido para o português como “estudo de públicos”, consolidando assim, como um campo de investigação dentro da museologia.

3.3 METODOLOGIA DE ESTUDOS DE PÚBLICOS

Os museus permaneceram, durante muitos anos, como instituições estáticas e que não passavam de depósitos de peças ditas de valor histórico, cultural e econômico, á serviço das elites. Com o decorrer dos anos, o paradigma da gestão de museus sofreu profundas alterações, ao ponto de intervirem ativamente no processo educativo das sociedades em que estão inseridos.

¹⁷ Estudo de visitante ou estudo de público se usa para todas as investigações sobre visitantes e não apenas para museus.

A mudança nesse paradigma teve como objetivo a alteração do foco central dos museus, que antes era apenas pensado como uma forma de salvaguardar o patrimônio e que nas últimas décadas vem a se preocupar na forma como a exposição se comunica com os públicos visitantes. Na atualidade o grande desafio é conseguir conceber uma exposição que possa dialogar com os diferentes visitantes que frequentam os museus.

Nesse sentido, tem-se observado nos últimos anos um acréscimo de trabalhos e pesquisas referentes ao estudo dos visitantes dos museus. Esse aumento se dá na busca de entender o que os visitantes procuram quando visitam esse tipo de instituição e qual o objetivo da sua visita. Para além de perceber o visitante, começou-se a enfrentar outro dilema, relacionado à forma de se comunicar com as diferentes pessoas que passaram a frequentá-los.

Se antes um museu era idealizado com o objetivo apenas de expor os objetos, como forma de demonstrar poder e riqueza, nos dias atuais não é apenas isso que se faz para conseguir atrair o grande público. Os visitantes de hoje procuram exposições que permitam que eles estabeleçam relações com a temática que está sendo abordada. Os museus de história e etnologia são espaços onde se consegue facilmente estabelecer essas relações entre os objetos e sua vida cotidiana. Joaquim Pais de Brito (2009) atesta que, essa tipologia permite que por intermédio de suas coleções seja possível transmitir coisas do dia a dia, que dialogam prontamente com o visitante.

A escolha dessa tipologia de acervo para realização de uma pesquisa de público se torna uma volta ao passado de cada indivíduo. Com o surgimento da Nova Museologia na década de 1980, os museus

deixaram de privilegiar os objetos e passando a tentar compreendê-lo como suporte de memória e mediador das relações, contribuindo dessa forma para uma nova valoração aos objetos museológicos, ampliando, assim, a possibilidade de objetos musealizáveis. Estes novos objetos eram, até então, vistos pelo museu como marginais, pois não carregavam a aura de importância estabelecida naquele momento. (ARAS, 2001, s.p)

Diante disso surge a necessidade dos museus em difundir e explicar essa nova forma de ver o mundo. E esse novo visitante, que agora não se restringe apenas à elite e por apresentar características muito distintas, fez despertar nas instituições uma preocupação em saber qual a impressão que o público, ao final da visita, ficava sobre o museu e a exposição. Todavia, este processo não ocorreu rapidamente, ele foi construído ao longo do século XX e continua em desenvolvimento até os dias de hoje.

Conforme foi apresentado no histórico sobre os estudos de públicos, a análise das experiências dos públicos nas exposições abriu a possibilidade da diferenciação entre estudo de públicos e avaliação das exposições. De acordo com a museóloga Ana Patrícia dos Santos Sant'Anna (2010, p.21),

A avaliação de exposições estuda os processos interativos entre as características dos visitantes e do contexto expositivo, segundo diferentes tipos de investigações em função do momento ou da fase de desenvolvimento expositivo em que se realiza (planificação, desenho ou elaboração e instalação) (...)

Sabendo então, que a exposição tem influência direta na experiência museal do visitante, avaliar a exposição, de acordo com Köptcke (2002) é entender a integração entre as informações relativas aos conhecimentos prévios, às expectativas dos visitantes e ao seu modo de apropriar-se das exposições. Ela ainda complementa que no processo de formulação dos espaços expositivos é que se estabelece “um canal de comunicação e escuta entre curadores das exposições, profissionais do campo museal e o público visitante.” (KÖPTCKE, 2002, p.1)

Já as investigações de visitantes, tendem a gerar uma nova informação acerca dos diversos processos que ocorrem nos museus, relacionados principalmente com a compreensão do efeito da visita sobre os visitantes. Estas novas informações auxiliam na busca de uma melhor comunicação entre a instituição e o seu público. Assim como afirmam Koran e Ellis (1991), investigação e avaliação costumam se confundir nos museus, isso porque ambas utilizam as mesmas técnicas, como por exemplo, questionários, entrevistas, grupos de enfoque, entre outros. Eles ainda acrescentam que o importante é distingui-las tal quais os seus objetivos; a avaliação normalmente é utilizada para solucionar um problema específico, e geralmente requer pouco tempo para a sua realização, enquanto que a investigação provém da necessidade de aprofundar o conhecimento dos processos que ocorrem. (KORAN; ELLIS, 1991)

Estudo de público e avaliação de exposição, conforme Eloísa Perez Santos (1998, p. 38):

(..) eles não são sinônimos e nenhum autor defendeu esse ponto de vista, mas o que aconteceu é que os Estudos de Visitantes incluíram a Avaliação de Exposições como uma de suas principais áreas, talvez a mais importante se considerar o volume de trabalho e o desenvolvimento teórico e metodológico alcançado até o momento. (tradução nossa)¹⁸

Os estudos de públicos são um aspecto importante do trabalho do museu por uma simples razão: eles fornecem informações ricas sobre as experiências dos visitantes dentro dos museus. Como tal, eles são ferramentas eficazes para o planejamento e avaliação do serviço dos museus para o público. Sendo assim, esses estudos buscam obter sistematicamente informações sobre comportamentos, atitudes, opiniões e características dos visitantes dos museus, com o propósito de utilizar tais informações no planejamento e execução das atividades do museu.

Em consonância com o exposto, temos os objetivos das pesquisas perfil-opinião, realizada pelo Observatório de Museus e Centros Culturais, “(...) voltados não só para os especialistas e profissionais, como também para o visitante e para o não visitante, ampliando o âmbito do debate sobre a instituição para toda a sociedade”. (KÖPTCKE, 2008, p.15)

A criação do museu como instituição voltada ao público é do século XVIII, mas a preocupação em estudar seus públicos é recente. Tendo em vista que as pessoas que visitam os museus formam o aspecto mais importante de uma instituição museológica: o seu público. Conhecer o número de visitantes desses espaços e que parcela da população que eles representam, se torna fundamental.

Na Lei 11.904 do Estatuto dos Museus (2009) no artigo 28, apresenta que o estudo de público “fundamenta as ações desenvolvidas em todas as áreas do museu, no cumprimento de suas múltiplas competências”, considerado como fase importante para o planejamento das atividades do museu.

Um esquema que pretende elucidar a forma como esses estudos influenciam as ações dentro de uma instituição museológica, está retratado na figura 7.

¹⁸ no son sinónimos y ningún autor ha defendido ese punto de vista, más bien lo que ha ocurrido es que los Estudios de Visitantes han englobado a la Evaluación de Exposiciones como una de sus áreas principales, quizás la más importante si se considera el volumen de trabajo y el desarrollo teórico y metodológico alcanzado hasta el momento. (original)

Figura 7: Áreas de influência dos estudos de visitantes.



Fonte: adaptado pela autora a partir de Maria del Carmen Sanchez Moro, s.d.

Dessa forma, como visto anteriormente na Lei do Estatuto de Museus, o estudo de visitantes é um das bases para as atividades dentro de uma instituição museológica, visto que a partir das informações adquiridas com o estudo de visitante é viável planejar a exposição e as ações de mediação e educação.

Os estudos de públicos pelos museus podem ter três tipos de foco:

- i. Nas motivações do visitante;
- ii. Na avaliação da exposição;
- iii. No grau de satisfação com a prestação dos serviços.

Conforme afirma Pérez Santos (1998, p. 63),

A enorme gama de variáveis estudadas na área de Estudos Visitantes podem ir do principal tipo de atividade de lazer de um visitante do museu potencial, até o desempenho em um teste de conhecimento depois de visitar uma exposição, passando pelas dificuldades de um visitante para localizar a cafeteria de um museu. (tradução nossa).¹⁹

¹⁹ El enorme rango de variables estudiadas en el área de los Estudios de Visitantes puede ir desde el tipo de actividad de ocio principal de un visitante potencial del museo, hasta el rendimiento en una prueba de conocimientos después de la visita a una exposición, pasando por las dificultades de un visitante para localizar la cafetería de un museo. (original)

Com isso, os estudos de públicos, são individuais para cada instituição, que irá desenhar o trabalho conforma as suas necessidades. Podemos apontar como principais aspectos estudados o tempo total da visita, percurso da visita e interações sociais. Tais estudos, estão cada vez mais aprimorados para auxiliar no planejamento das atividades das instituições museológicas.

É o que assegura Köpcke (2012), para quem os estudos de público são:

processos de obtenção de conhecimento sistemático sobre os visitantes de museus, atuais ou potenciais, com o propósito de empregar o dito conhecimento na planificação e pôr em marcha atividades relacionadas com os distintos grupos de visitantes. (KÖPCKE , 2012, p. 215-216)

Sendo então, os estudos de visitantes, instrumentos essenciais para a gestão do museu, uma vez que facilitam a tomada de decisões, baseadas em uma análise objetiva da realidade. Os estudos dos públicos de um museu fornecem dados de suma importância sobre o funcionamento da instituição e também para aqueles que podem financiar as suas atividades. (PÉREZ SANTOS, 1998)

Vale ressaltar que esses dados não podem ser considerados como única referência, deve ser utilizado um cruzamento de informações para que o estudo de público seja levado a cabo no planejamento das ações.

Por este motivo, que para o desenvolvimento dos estudos, são consideradas diversas categorias de públicos: os turistas, os espontâneos, os idosos, os escolares e o não público²⁰. Para uma instituição que está iniciando as suas investigações, é importante identificar qual o seu público prioritário e partir as investigações a partir deste foco.

Adriana Mortara (2005, p. 32), aponta que:

As avaliações mostram que cada visitante constrói sua própria exposição ao selecionar seu percurso de acordo com seu desejo, suas motivações, suas necessidades e seus companheiros, entre outras variáveis. Assim, na elaboração da exposição procuram-se conhecer, cada vez mais, o perfil, os conhecimentos prévios, os desejos e as necessidades do visitante/receptor.

²⁰ Para Luciana Köpcke, o não público são “aqueles que se diferenciam dos potenciais visitantes e dos praticantes efetivos em seu perfil sociocultural e demonstram pouco ou nenhum interesse ou familiaridade quando indagados a respeito destas instituições” (Köpcke, 2012, p. 216)

Um grupo de destaque nas instituições museológicas, é o público escolar, que são visitantes assíduos dos museus, tendo em vista que elas fazem parte do plano de aula de muitos professores. Esses grupos normalmente agendam as suas visitas e contam com a presença de um mediador que guiará eles pela exposição. Neste sentido reforçamos a importância da realização de estudos que contemplem essa parcela dos visitantes, para o museu compreender a sua vocação diante dos seus públicos.

Na realidade brasileira, até o ano de 2014, existia uma carência de estudos periódicos de visitantes, já que deveriam ser produzidos individualmente para cada instituição. No ano de 2014, porém, foi publicada uma resolução²¹ normativa determinando a obrigatoriedade dos museus públicos e privados em enviar para o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) os dados e informações relativos ao quantitativo anual de visitação. Nesta resolução fica determinado que o IBRAM disponibilize informações sobre as metodologias e possíveis técnicas que deverão ser utilizadas para a realização do estudo, posto isso, o IBRAM irá definir os critérios e procedimentos que serão observados pelos museus.

Ainda sobre o Brasil, pode-se destacar que no ano de 2011 foi lançada a publicação *Museus em Números*, em dois volumes pelo IBRAM, contendo um cenário estatístico nacional e internacional sobre os museus. Participaram da pesquisa 1,5 mil instituições museológicas²² brasileiras, que responderam ao questionário do Cadastro Nacional de Museus. Dentro deste questionário existiam duas questões que tratavam sobre os estudos de visitante, uma referente à existência ou não de pesquisas de visitante na instituição, independentemente de sua metodologia, complementada ainda pela informação sobre a regularidade de realização desses estudos. Já a segunda questão refere-se à mensuração anual de visitante. Na publicação é exposta uma tabela e um gráfico com a tabulação dessas informações, um dado importante é que 74,7% declararam realizar estudos de visitantes, mas quando questionados sobre a regularidade apenas 53,3% atestaram organizar esses estudos regularmente.

O que se constata é que apesar de um pouco mais da metade dos museus realizarem uma pesquisa de visitante, ainda não é um resultado satisfatório, tendo em

²¹ Resolução Normativa N° 03, de 19 de novembro De 2014 foi criada para regulamentar os dispositivos do artigo 4º, VIII do Decreto n° 8.124, de 17 de outubro de 2013.

²² Na época da pesquisa, setembro de 2010, o Brasil contava com cerca de 3 mil instituições museológicas.

vista a importância e a relevância de conhecer os seus visitantes para uma melhor gestão e comunicação entre as instituições e eles.

4 OS VISITANTES AGENDADOS E O MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA

Neste capítulo abordaremos a sistematização das informações levantadas, apresentando a análise dos dados quantitativos e o perfil do visitante agendado do Museu Histórico de Santa Catarina. Portanto para alcançar os objetivos dessa investigação, foram utilizados os dados levantados em 2016 pela autora, através da compilação das informações presentes nos 05 livros de visitas agendadas e das tabelas de agendamento de visitas.

4.1 TABULAÇÃO DOS LIVROS DE REGISTRO DE VISITAS AGENDADAS

Neste subitem será apresentada como foi realizada a tabulação dos dados recolhidos pela autora e também algumas questões que foram surgindo neste processo. No item seguinte será apresentada uma análise detalhada dos dados.

A tabulação dos dados presentes nos livros de registro de visitas agendadas, foi iniciado pelo livro nº V (figura 6), que continha as informações referentes aos anos de 2014 a 2016, este livro estava localizado junto a recepção do MHSC. Após finalizar o livro nº V, foi disponibilizado pelo museólogo Renilton Roberto da Silva Matos de Assis²³ os livros nº I, nº II, nº III, nº IV e um conjunto de folhas almagos, referentes aos anos de 1996 e 1997.

O livro nº I contém os dados dos anos de 1991 até 1995, entretanto a tabulação dos dados iniciou na página 03 (três) a partir do mês de setembro de 1991.

²³ Na época do recolhimento dos dados atuava no Núcleo de Museologia do MHSC.

Figura 8: Livro nº I aberto na página 03.

Fonte: Acervo MHSC. Fotografia: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Não foram considerados os dados da página 02 por se tratar do público visitante de exposições temporárias e conforme abordamos no capítulo 02, a análise do visitante agendado compreende apenas o público da exposição de longa duração.

Abaixo segue o quadro 01 com os dados levantados no ano de 1991. Os quadros referentes aos anos de 1992 a 1995 estão disponíveis nos apêndices C, D, E e F.

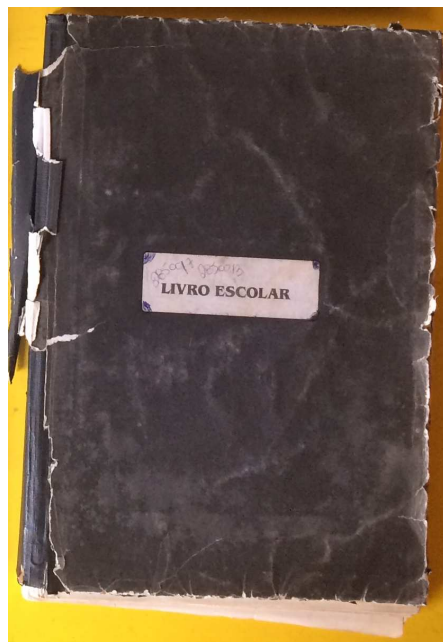
Quadro 1: Tabulação dados 1991.

TOTAL – 1991													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola									18				18
Primeiro Grau									676	497	1368	364	2905
Segundo Grau												32	32
EJA													0
Ensino Superior													0
Outros									69				69
Total	0	0	0	0	0	0	0	0	763	497	1368	396	3024

Fonte: Livro I de Registro de Visitas agendadas MHSC, compilados por Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

O livro número II (Figura 09), com as informações dos anos de 1999 até 2003 está em estado regular de conservação, com folhas descoladas e rasgadas. Entre agosto de 2000 e novembro de 2001 o museu ficou fechado para restauração, portanto esses meses encontram-se com os campos em branco nos quadros que serão apresentados.

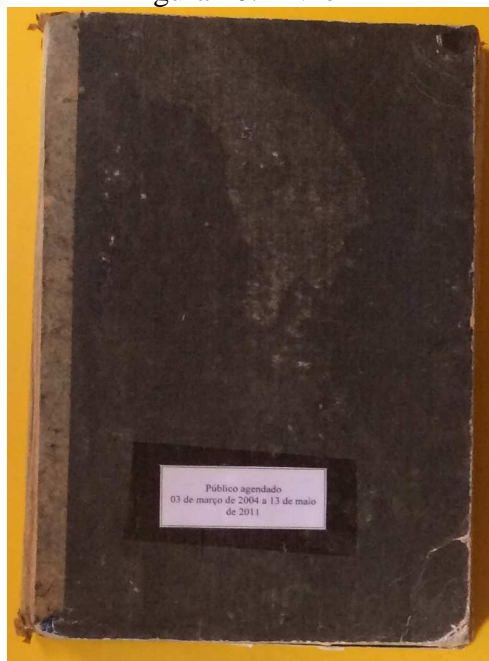
Figura 09: Livro II



Fonte: Acervo MHSC. Fotografia: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

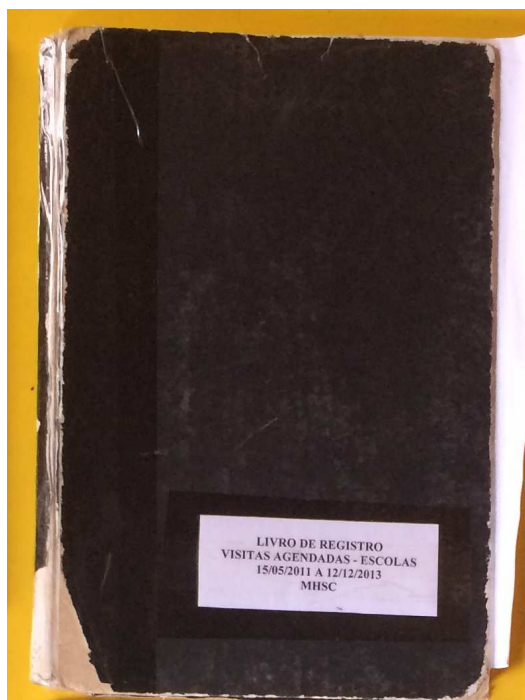
Os livros III e IV (figuras 10 e 11) não apresentavam problemas significativos que poderiam alterar a análise dos dados, sendo que o livro III contém os dados de 2004 até 2011 e o livro IV os dados de 2011 até 2013.

Figura 10: Livro III



Fonte: Acervo MHSC. Fotografia: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Figura 11: Livro IV



Fonte: Acervo MHSC. Fotografia: Cristina Maria Dalla Nora, 2016

Abaixo apresentamos um quadro com o compilado das visitas realizadas através de agendamento prévio e separadas por mês. De acordo com o que já foi apresentado, analisaremos dados presentes no quadro 2, a seguir.

Quadro 2: Total Visitantes agendados x Mês

Total de Visitantes agendados x Mês													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1991	-	-	-	-	-	-	-	-	763	497	1368	396	3024
1992	42	-	100	138	151	523	394	1281	568	1012	2340	953	7502
1993	40	-	46	517	140	243	569	883	1234	1014	1735	1088	7509
1994	-	-	156	370	25	109	381	1027	1332	1304	1596	670	6970
1995	-	-	697	35	513	524	394	1524	1474	2492	3133	718	11504
1996	50	-	286	91	241	98	407	507	945	1810	2013	236	6684
1997	7	-	40	1487	365	294	454	477	1101	1207	1927	355	7714
1998	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
1999	-	-	-	-	-	123	763	925	1490	3322	3186	673	10482
2000	37	123	604	357	2354	2274	1203	111	86	-	683	-	7832
2001	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3819	956	4775
2002	106	223	2758	3224	812	1116	455	823	2509	2346	3105	599	18076
2003	20	-	436	449	1044	976	701	1366	1926	2524	3544	701	13687
2004	40	-	477	691	914	1060	367	727	1798	1701	2820	613	11208
2005	-	-	443	382	638	1074	1058	1099	2275	2485	3174	732	13360
2006	-	-	436	457	1049	490	452	1449	1943	2264	3158	898	12596
2007	8	56	438	793	917	1093	515	1306	2056	3052	2709	655	13598
2008	36	62	550	921	1255	1131	565	1206	2354	1906	2215	448	12649
2009	-	81	1078	682	772	1232	420	602	1186	2273	3141	525	11992
2010	79	50	547	324	884	584	517	984	1328	1828	1942	420	9487
2011	-	25	726	1098	911	728	509	879	1320	2680	3622	1171	13669
2012	125	131	774	660	999	974	696	908	1294	2088	3621	411	12681
2013	136	42	781	880	1039	944	583	1111	1654	1386	1879	629	11064
2014	8	-	468	683	1520	528	492	1099	1490	1567	1872	284	10011
2015	-	-	471	777	485	597	664	653	1244	1318	1848	470	5527
2016	-	76	256	658	890	858	360	656	1514	1455	1628	-	8351
Total	734	869	12568	15674	17918	17573	12919	21603	34884	43531	62078	14601	254952

Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Para a tabulação dos dados referentes ao ensino fundamental, é importante ressaltar que quando a visita era composta por alunos de diferentes anos, elas foram consideradas como “misto”. Nas folhas de papel almaço que se referem aos anos de 1996 e 1997, não continham todos os campos padrões²⁴ e com isso em alguns meses as informações sobre as escolas ficaram defasadas, como a série que estava visitando o museu. Portanto, nos meses de outubro e novembro de 1996 e abril de 1997, existe um número elevado de grupos mistos no primeiro grau (Ensino Fundamental).

²⁴ Os campos padrões dos livros de visitas agendadas são: Nome da Instituição, série, número de alunos, responsável e telefone. A partir do ano de 2013, foi incluído o campo da natureza da instituição, pública ou privada.

As informações sobre o ano de 2002 estavam incompletas, pois não foram anotadas as séries das turmas que visitaram o museu, apenas o número de alunos. Sendo assim, foram considerados todos grupos misto do primeiro grau (Ensino Fundamental).

Quadro 3: Total Ensino fundamental x Ano

Total Ensino Fundamental x Ano											
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	Misto	Total
1991	-	30	27	254	1606	31	-	46	228	683	2905
1992	-	20	473	758	2751	182	161	172	875	1168	6560
1993	-	65	378	799	3140	403	166	381	405	1389	7126
1994	-	98	666	684	3179	124	164	256	435	1168	6774
1995	-	176	690	818	5271	395	798	425	366	1823	10762
1996	-	266	305	550	1536	70	336	200	242	2420	5925
1997	-	19	299	507	2610	-	302	147	627	2138	6649
1998	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
1999	-	-	134	795	4818	132	1052	95	479	1828	9333
2000	-	264	104	342	1291	480	1196	485	795	1913	6870
2001	-	-	57	420	2620	169	200	71	344	330	4211
2002	-	321	784	902	3245	423	576	894	816	6946	14907
2003	-	256	320	1118	5670	142	720	334	537	2743	11840
2004	-	40	297	920	4890	264	657	553	483	1612	9716
2005	-	-	194	1190	5118	140	339	913	472	3381	11747
2006		52	465	919	4993	277	247	611	131	3051	10746
2007	11	339	432	1305	5810	203	306	460	289	2280	11435
2008	83	146	444	929	5286	431	461	525	655	1493	10453
2009	193	158	300	477	5547	339	247	315	589	2075	10240
2010	56	51	455	1121	2682	226	376	444	399	1413	7223
2011	287	119	449	1436	4634	547	623	288	447	2118	10948
2012	176	138	533	1702	4451	184	127	528	520	1678	10037
2013	139	297	859	1211	3007	227	353	217	472	1560	8342
2014	82	171	621	1156	3491	80	205	662	12	1806	8286
2015	10	138	720	1081	2927	192	35	179	143	1307	6732
2016	142	68	786	1031	2766	156	153	271	270	995	6638
Total	1179	3232	10792	22425	93339	5817	9800	9472	11031	49318	216405

Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Nos quadros de tabulação dos dados entre os anos de 2013 a 2016 são encontrados também os dados acerca da natureza da instituição: privada ou pública. Essa informação é relevante para a administração do museu, visto que até o mês de

maio de 2016 não era cobrado²⁵ ingresso de estudantes de escolas públicas, e sendo assim era possível fazer a conferência das receitas recebidas através dos ingressos do museu. Atualmente o museu continua coletando essa informação, que será utilizada para conhecer melhor a procedência do seu público visitante.

Quadro 4: Total de público escolar por natureza da instituição.

Total de Público Escolar x Natureza da instituição			
	Pública	Privada	Total
2013	7894	3170	11064
2014	7911	2100	10011
2015	6456	2066	8522
2016	6305	2387	8692
Total	28566	9723	38289

Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Neste primeiro ponto do capítulo foi apresentado em forma de tabelas, o levantamento dos dados e a sistematização das informações que serão a base para o desenvolvimento da análise do perfil do visitante agendado do Museu Histórico de Santa Catarina.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS DOS LIVROS DE REGISTRO DE VISITAS AGENDADAS

As informações retiradas dos livros de registro de visitas agendadas foram transformados em quadros, no total foram preenchidos 176 quadros com os dados dos livros e das tabelas de agendamento.

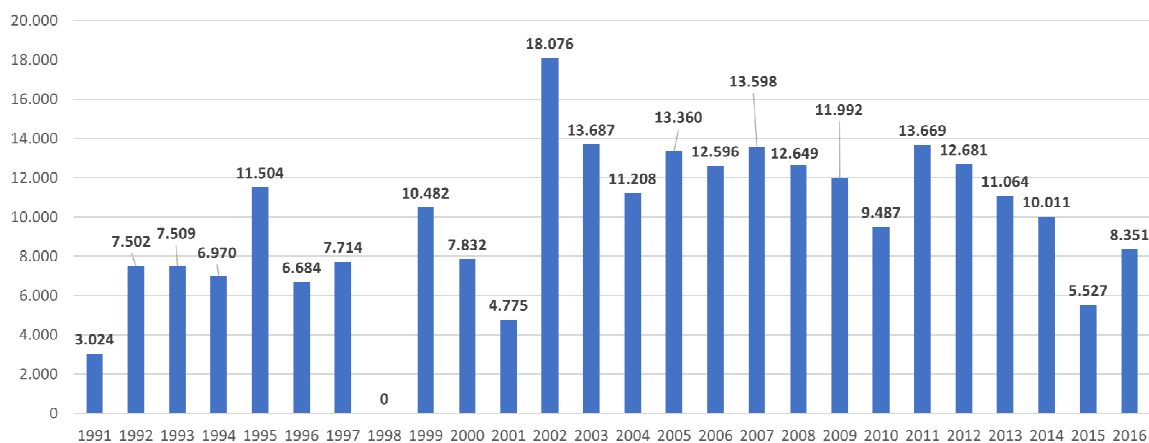
Posterior à elaboração dos quadros foi realizado a compilação dos dados em cinco (05) gráficos principais. Os dados compilados foram os seguintes: “Total de grupos agendados por mês”, “Total do visitante agendado por ano”, “Total Ensino Fundamental” e “Natureza da instituição e Procedência”. A escolha desses dados para a

²⁵ Apesar da isenção da cobrança de ingresso para estudantes de instituições públicas estar garantida no Plano Museológico e também na Carta de Serviço ao Cidadão do Museu Histórico de Santa Catarina, no mês de maio de 2016 a Presidente da Fundação Catarinense de Cultura determinou através de uma portaria a cobrança de ingresso para todos os estudantes, independente da instituição.

análise foi baseada na importância dessas informações para a instituição conseguir melhorar a estrutura e a dinâmica para receber os grupos agendados.

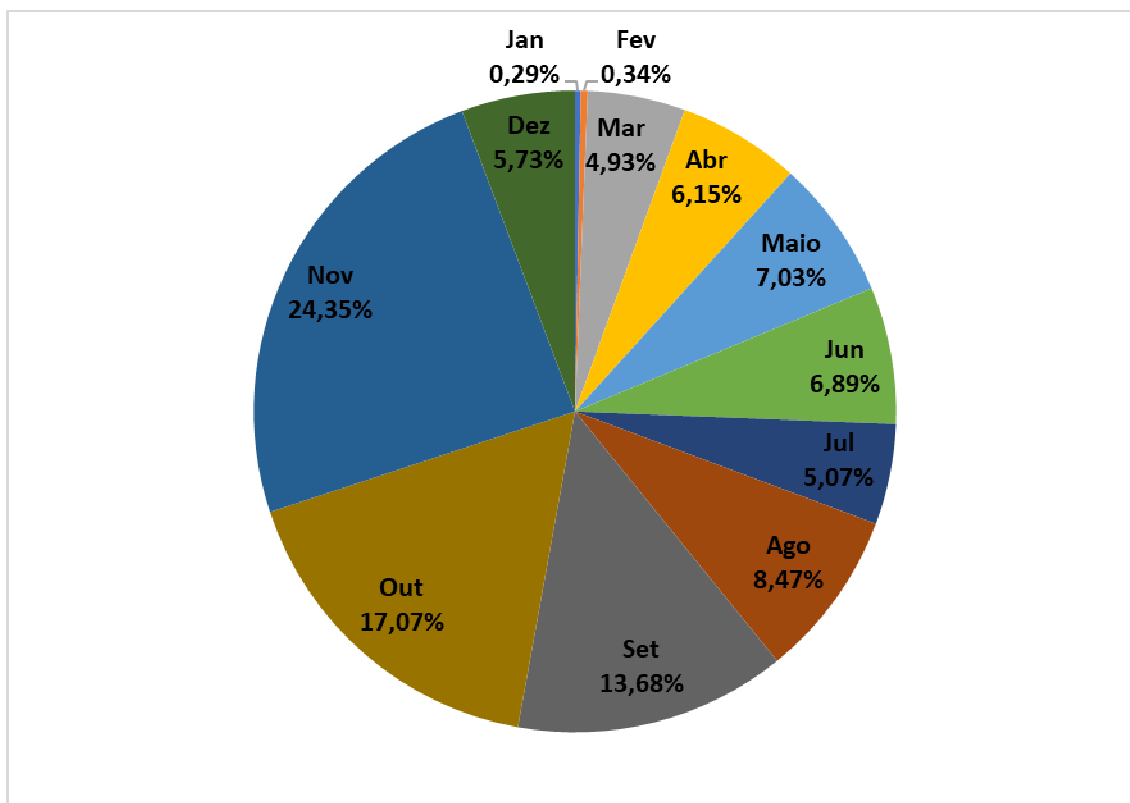
Iniciaremos a apresentação pelo gráfico 01 que se refere ao total de visitantes agendados por mês durante os anos de 1991 e 2016.

Gráfico 1: Total de visitantes agendados x Ano



Fonte: criado pela a autora,2019.

De acordo com o gráfico 01, é que realizando a média do visitante agendado entre os anos de 1991 e 2016, temos um universo de 11.588 visitantes por ano, representando uma média de 965 visitantes agendados por mês. Entretanto podemos destacar o ano de 2002 com o maior número de visitas (18.076), após passar por um processo de restauro, que ficou fechado durante parte dos anos de 2000 e 2001. Relembrando que no ano de 1998 o museu estava fechado para reforma e não apresenta informações sobre visitas.

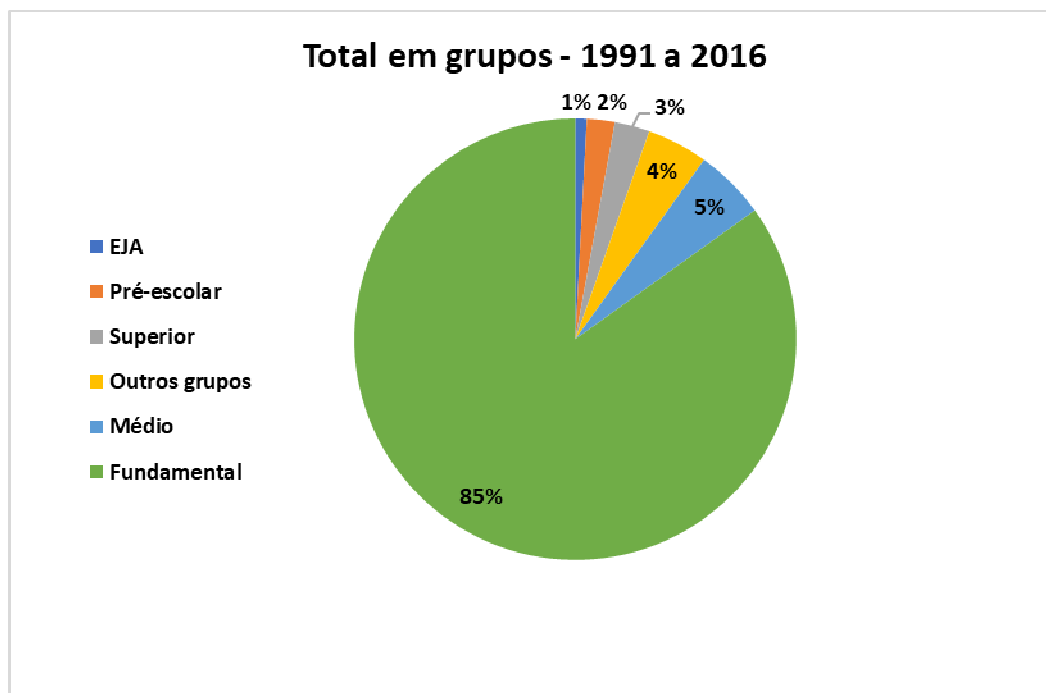
Gráfico 2: Total de visitas por mês entre os anos de 1991 e 2016.

Fonte: criado pela a autora, 2019.

Conforme podemos observar no Gráfico 02, o mês de novembro é que recebe o maior número de visitantes, compreendendo 24,35% das visitas anuais, já os meses de janeiro e fevereiro representam 0,29% e 0,34% respectivamente, das visitas anuais. Também podemos afirmar que o primeiro semestre representa apenas 25% das visitas agendadas e a grande maioria se concentra entre os meses de setembro e novembro. Essas informações são de extrema importância para a MHSC, pois oferece subsídio para o planejamento das férias dos funcionários e também no planejamento das ações ao longo do ano.

No gráfico 03, apresenta-se um levantamento dividido por ano e por nível de escolaridade das visitas agendadas.

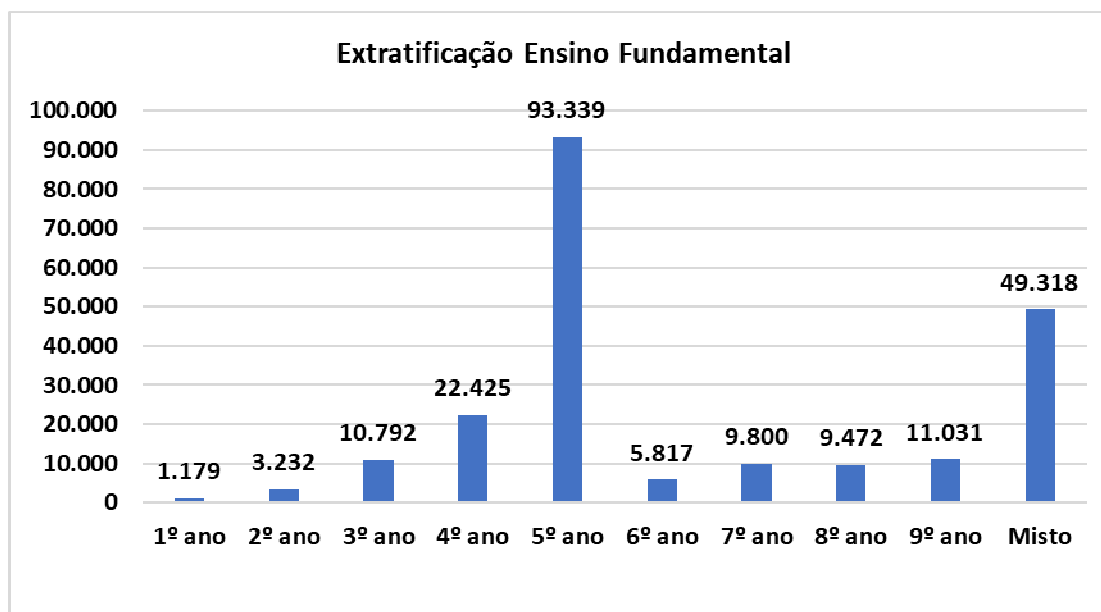
Gráfico 3: Total de visitante agendado x Ano



Fonte: criado pela a autora, 2019.

De acordo com o gráfico 03, os grupos do ensino fundamental representam 85% dos visitantes de grupos agendados no MHSC. O que podemos destacar é que o nível de escolaridade do grupo agendado é inversamente proporcional ao número de visitantes, quer dizer que quanto maior o nível de escolaridade menor o número de visitas a instituição, neste universo de visita escolar.

Gráfico 4: Total Ensino fundamental x Ano

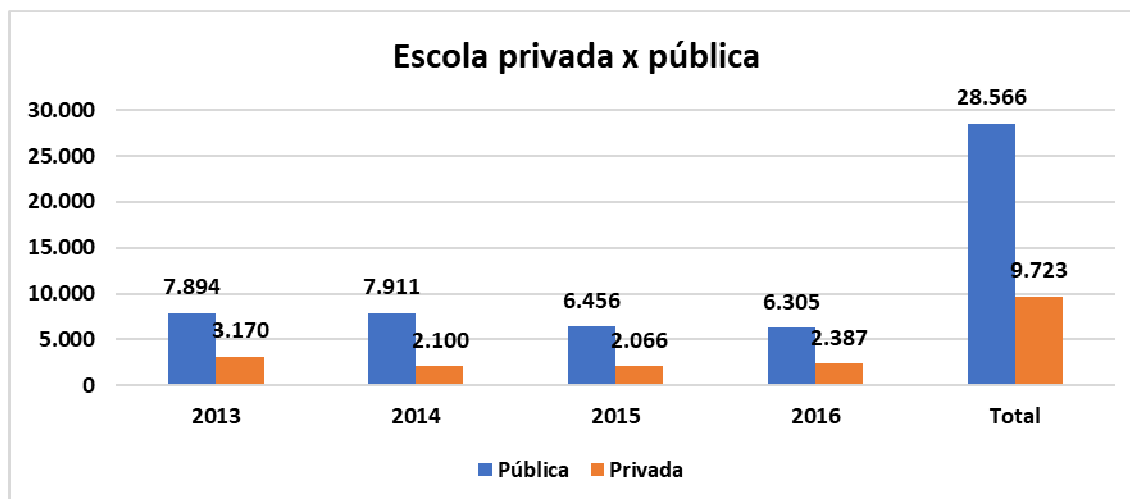


Fonte: criado pela a autora, 2019.

Dentre os alunos do ensino fundamental, os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental²⁶ (gráfico 4) são os que mais visitam o MHSC, perfazendo 43% dos alunos do ensino fundamental. Existem três motivos pelos quais esses alunos são os que mais visitam o museu: 1) O conteúdo estudado em sala de aula, que se refere a história do Brasil; 2) A compreensão da relação entre os conteúdos e a visita ao museu; 3) Viagens de estudo de encerramento dos primeiros anos do ensino fundamental. O levantamento desta informação é de suma importância da instituição, visto que assim a ação educativa pode propor ações específicas para essa faixa etária de visitante e a relação com os conteúdos abordados em sala de aula, assim como aponta Köptcke (2012).

No capítulo 2 foi comentado que a partir do ano de 2013, o museu passou a coletar dados referente a natureza da instituição: privado ou pública. No gráfico 05 é apresentado a compilação dos dados levantados sobre a natureza das instituições que visitam o MHSC.

Gráfico 5: Total de público escolar por natureza da instituição.



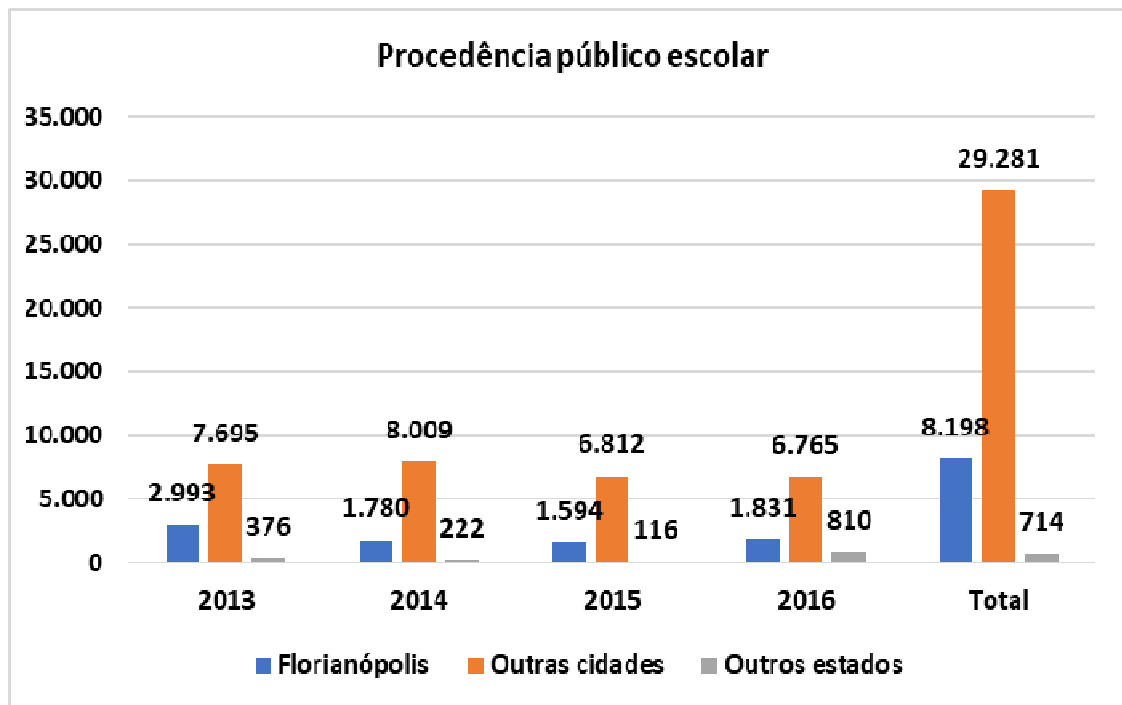
Fonte: criado pela a autora, 2019.

Sendo assim, utilizando os dados de 2013 a 2016 podemos afirmar que 75% dos visitantes são oriundos de instituições públicas. Outro dado importante apresentado

²⁶ Antes de 2006 o sistema de ensino era dividido em 1º grau e 2º grau, com isso o 5º ano do ensino fundamental representa a 4ª série do 1º Grau.

no gráfico 06, é que 76% dos visitantes são provenientes de outras cidades do Estado de Santa Catarina e apenas 21% são visitantes do município de Florianópolis

Gráfico 6: Total de público escolar por procedência.



Fonte: criado pela a autora, 2019.

Conforme abordado anteriormente em maio do ano de 2016 foi alterada a política de cobrança de ingresso da instituição, sendo assim os estudantes de escolas públicas não têm mais o direito a isenção de ingresso. Entretanto, conforme podemos observar no gráfico 05, não houve decréscimo no número de visitas das instituições públicas ao Museu Histórico de Santa Catarina, devido a cobrança.

Com todo o exposto nos gráficos podemos afirmar que o visitante agendado do Museu Histórico de Santa Catarina, é composto na sua grande maioria por estudantes do 5º ano do ensino fundamental de escola pública e residentes no estado de Santa Catarina.

4.3 TABELA DE AGENDAMENTO SEMANAL

Conforme exposto anteriormente as tabelas de agendamento foram criadas no ano de 2015, sendo assim só existiam dados referentes ao ano de 2015 e 2016, tendo em vista que a coleta de dados foi realizada no ano de 2016. Em conversa com a

responsável pela secretaria administrativa, foi informado que os dados presentes nas tabelas não eram levados em consideração, pois havia divergências e problemas no seu preenchimento. E com isso, para contabilização do público era apenas considerado os dados presentes nos livros de registro.

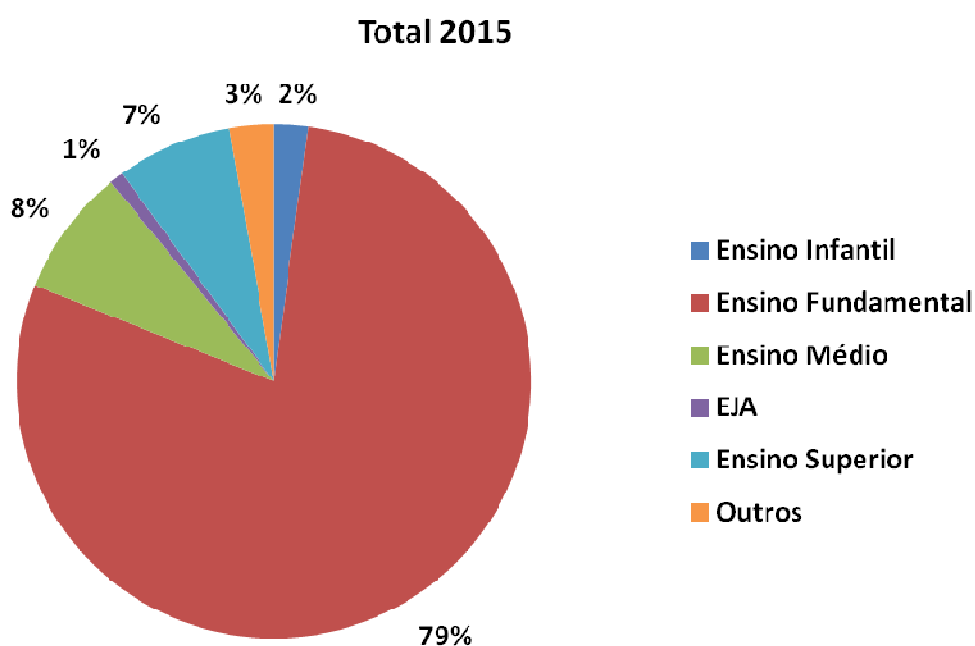
Todavia, como foi abordado no capítulo 2, os dados das tabelas de agendamento apresentam uma melhor confiabilidade em relação aos dados do livros e por este motivos foram tabulados e analisados.

Quadro 5: Total conforme tabela de agendamento de 2015

TOTAL 2015													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil				51			76	36				19	182
Ensino Fundamental			306	516	298	351	424	457	1087	1095	1750	448	6732
Ensino Médio			130			80	113	66	101	118	59	17	684
EJA						23	51						74
Ensino Superior			35	174	162	59		71	20	79	20		620
Outros				36	25	84		23	36	26		5	235
Total	0	0	471	777	485	597	664	653	1244	1318	1848	470	8527

Fonte: criado pela a autora, 2016.

Gráfico 7: Porcentagem conforme tabela de agendamento 2015.



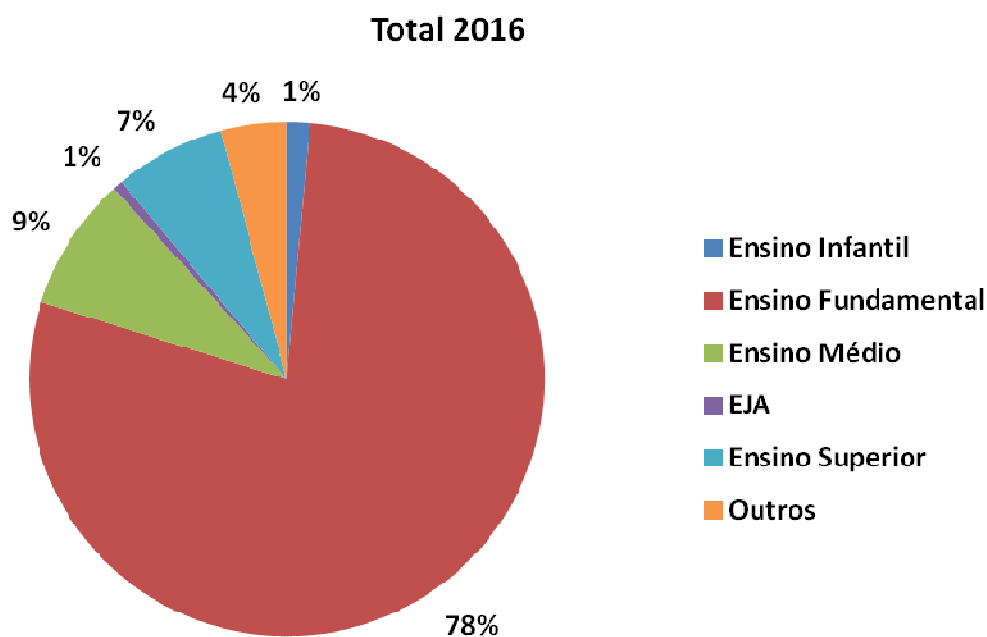
Fonte: criado pela a autora, 2019.

Quadro 6: Total conforme tabela de agendamento de 2016

TOTAL 2016													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil					41	35					52		128
Ensino Fundamental			232	427	766	659	358	472	1358	1105	1365	295	7037
Ensino Médio		37	56	114	27		23	85	81	171	161	2	757
EJA				26	14			5		11			56
Ensino Superior		21	12	92	61	122		76	49	173	21		627
Outros		15		54	37	64	12	16	26	16	119	9	368
Total	0	73	300	713	946	880	393	654	1514	1476	1718	306	8973

Fonte: criado pela a autora, 2016.

Gráfico 8: Porcentagem conforme tabela de agendamento 2016



Fonte: criado pela a autora, 2019.

Conforme podemos perceber nos gráficos 07 e 08, o nível de escolaridade que apresenta o número mais significativo é o do ensino fundamental, perfazendo um total de aproximadamente 78% dos visitantes e por este motivo propomos abaixo um detalhamento deste segmento.

Quadro 7: Dados dos visitantes do Ensino Fundamental conforme tabela de agendamento - 2015

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 2015													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
EF1					10								10
EF2				52					63	23			138
EF3			64	121		19	18	187	40	68	120	83	720
EF4				66		32	70	135	154	248	357	19	1081
EF5			106	122	148	64	253	98	529	483	846	278	2927
EF6				38	61		30		7	56			192
EF7						35							35
EF8					9				47	33	82	8	179
EF9					37				41	31		34	143
MISTO			136	117	33	201	53	37	206	153	345	26	1307
Total	0	0	306	516	298	351	424	457	1087	1095	1750	448	6732

Fonte: criado pela a autora, 2016.

Quadro 8: Dados dos visitantes do Ensino Fundamental conforme tabela de agendamento - 2016

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 2016													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
EF1			54	63					46				163
EF2						28			40				68
EF3			47	75	203	178	57	76	121			108	865
EF4				49		33		179	323	175	78		837
EF5			29	163	255	221	190	108	564	600	998	137	3265
EF6				56	75	23		40			42		236
EF7					73	23	17			85			198
EF8					38			69		22	31		160
EF9					48	104	42			97	83		374
MISTO			102	21	74	49	52		264	126	133	50	871
Total	0	0	232	427	766	659	358	472	1358	1105	1365	295	7037

Fonte: criado pela a autora, 2016.

Nestes quadros a sigla EF, significa Ensino Fundamental e ao lado o número referente ao ano. Também apresentamos a categoria misto, quando a visita ocorreu com alunos de diferentes anos simultaneamente. Apesar de apresentar dados mais assertivos, as tabelas contêm os seguintes problemas:

- a) Não preenchimento de todos os campos da tabela;
- b) Divergência entre o número de visitantes na tabela e que colocaram no livro;
- c) Escolas que preencheram apenas o livro;

d) Escolas que constam apenas na tabela, mas que está assinalado com comparecimento.

Figura 9: Tabela de agendamento com dados faltantes

AGENDAMENTO SEMANAL DA MEDIAÇÃO - Via Recepção
Dia 28 a 30 de Abril 2015

*Obs: Nos domingos a entrada é GRATUITA. As escolas particulares agendadas neste dia serão isentas.

Dia	Horário	Ofic. N.º	Escola/Colegio/Instituição	Ano	Cidade	PA/PU	Respons.	Telefone	Comparec.	TURMA DE	Recep.
28/abr	13:30/14:10	42	407	Curso Ex UFSC - Diálogos NAE		Florianópolis	x	Cris e Marcia	48-3655362	Di 1 Ni 1	Di 1 Ni 1
29/abr	14:10	42	2049	Curso Ex UFSC - Diálogos NAE		Florianópolis	x	Cris e Marcia	48-3655362	Di 1 Ni 1	Di 1 Ni 1
29/abr	10:00/10:40	43	5030	Energia - Unid. Palhoça	5º ano	Palhoça	x	Joseli	48-69039504	Di 1 Ni 1	Di 1 Ni 1
29/abr	14:50	44	2329	NEE Judite F. de Lima	3º ano	Florianópolis	x	Geovana	48-3374832	Di 1 Ni 1	Di 1 Ni 1
29/abr	15:30/16:10	45	444	EEB Leopoldo Kropowicki	4º	Benedito Novo	x	Maria Diza	47-33850419	Di 1 Ni 1	Di 1 Ni 1
30/abr	14:10	46	257	Centro Atenção Psicossocial	30a00	Florianópolis	x	Francis	48-32405472	Di 1 Ni 1	Di 1 Ni 1
30/abr				CECELK Maria Nelly da Silva		Florianópolis	x	Genyza	48-2470582		

Fonte: Cristina Maria Dalla Nora, 2016.

Esses problemas foram encontrados principalmente nas tabelas do ano de 2015, já no ano de 2016 na sua grande maioria, as tabelas foram preenchidas corretamente, isso porque no ano de 2016 a equipe do Núcleo de Ação Educativa passou a fazer treinamento com a equipe do museu, conforme determinado no Plano Museológico do MHSC, no Projeto de formação continuada da equipe interna do museu.

De acordo com o que foi apresentado no capítulo 02, a elaboração da tabela de agendamento semanal é realizada por funcionário terceirizado e posteriormente enviada para a recepção do museu, onde é preenchida por um funcionário também terceirizado deste setor.

No entanto após análise das tabelas, foi possível perceber que o seu preenchimento não é realizado de forma satisfatória pelos funcionários da recepção, que são terceirizados. Vale ressaltar que a terceirização dos serviços nas instituições prejudica o andamento das atividades, pois ocorre uma rotatividade dos funcionários, demandando uma constante capacitação da equipe.

5 CONCLUSÃO

Como esta pesquisa consistiu num estudo de caso, a metodologia utilizada para a sua realização versou em cinco momentos distintos, que interagiram entre si para chegar a um produto final. As cinco etapas são: 1) Revisão bibliográfica; 2) Caracterização da instituição museológica; 3) Investigação nas fontes primárias do museu; 4) Análise dos resultados; 5) Elaboração do trabalho.

O presente trabalho, abordou uma análise dos dados coletados pelo Museu Histórico de Santa Catarina acerca dos seus visitantes agendados. A importância da realização de um trabalho como este para a instituição, se dá no âmbito de que conhecer o seus públicos é uma das premissas para atingir a missão da instituição.

Pode-se afirmar que parâmetros metodológicos para a compilação e análise de dados, não são levados em consideração na maioria dos museus brasileiros para os estudos de públicos, assim como foi abordado no capítulo 03. Este trabalho vem manifestar a importância para o museu em conhecer os seus públicos, para ser tornar um espaço de diálogo construtivo com os seus visitantes.

No campo da museologia a presente pesquisa teve como intuito mostrar a importância de estudos regulares e periódicos sobre os seus visitantes para a instituição. Como podemos observar nos dados levantados, o museu não apresentou uma regularidade nas suas visitas ao longo dos anos e uma investigação que ocorre periodicamente consegue identificar quais as causas das reduções e acréscimos no número de visitantes agendados. Para com isso, conseguir planejar ações que mitiguem e corrijam, possíveis problemas.

Nesse sentido, os profissionais da instituição devem se sentir responsáveis pelas informações que são coletadas, sendo assim essa investigação apresentou uma proposta de orientação para preenchimento dos documentos de recolha de dados sobre os visitantes agendados. Também foram apontadas sugestões na tabela de agendamento semanal para facilitar o levantamento e análise dos dados.

Podemos ressaltar que diferentes tipos de museu atraem diferentes tipos de públicos. Saber as características dos frequentadores da instituição permite-lhe promover atividades mais especializadas e focadas para o público habitual e ações para atrair aquelas pessoas que não frequentam o museu, assim como afirma Adriana Mortara (2006).

Cabe destacar que o público escolar no MHSC representa uma parcela significativa das visitas, já que fazem parte do cronograma das instituições escolares, sendo, por diversas vezes, fomentadas por um plano de aula ou por uma proposta pedagógica mais consistente.

Por isso a importância de se destacar que o público agendado preponderante do Museu Histórico de Santa Catarina, são estudantes do ensino fundamental de escolas públicas do Estado de Santa Catarina, notadamente os alunos do 5º ano e que tem idade entre 10 e 11 anos de idade.

Consoante com Köptcke (2012), que afirma que não há museu sem público, os estudos de públicos são benéficos para o compreensão e na construção vocacional das instituições e também no seu discurso como local de memória.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara, **A relação do público com o Museu do Instituto Butantan: análise da exposição ‘Na natureza não existem vilões’**. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- Almeida, Adriana Mortara. (2005) **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte**. In: História, Ciência e Saúde – Manguinhos. V.12. Suplemento. p. 31-53. Rio de Janeiro: Brasil.
- ARAS, Lina M. B. TEIXEIRA, Maria G. S. **Os museus e o ensino de história**. 2001. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1603.htm>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- BITGOOD, Stephen. **An Overview of The Methodology of Visitor Studies**. In: *Visitor Behavior*, 1988, p. 4-6.
- BOURDIEU, Pierre. DARBEL, Alain. **O amor pela arte** – Os museus de arte na Europa e seu público. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - 2. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- BRULON SOARES, Bruno. C. . **Caminhos da Museologia: transformações de uma ciência do museu**. Senatus (Senado Federal) , v. 7, p. 32-41, 2009.
- CHAGAS, Mario. **Cultura, Patrimônio e Memória**. 2005. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2005/3099-cultura-patrimonio-e-memoria.html> Acesso em: 01 set. 2017
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=Im-D_mGVBTEC&pg=PA11&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=4#v=onepage&q&f=false Acesso em: 01 set. 2017
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: ILUMINURAS: FAPESP, 1999.
- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (dir.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, 2013.
- FALK, John. et al. **Predicting Visitor behavior**. In: *Curator*, 28/4, 1985, p. 249-257.
- FALK, John H. DIERKING, Lynn D. **The Museum experience**. La Vergne, EUA: Whalesback, 1992.
- GILMAN, Benjamin Ives. **Museum Fadigue**. In: *Science Monthly*, 12, 1916, p. 62-74. Disponível em: <https://archive.org/details/jstor-6127> Acesso em 04 de agosto de 2015

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **The Educational Role of the Museums**. London: Routledge, 1994.

HOOPER-GREENHILL, Eilean. **Museums and Education**, Purpose, Pedagogy, Performance. London: Routledge, 2007.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. **Observar a experiência museal: uma prática dialógica?** In: *Museu da Vida. Avaliação e estudos de público de museus e centros de ciência*. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. 2002.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. **Público, o X da questão?** A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. V.1 jan/jul. 2012.

KÖPTCKE, Luciana; Pereira, Marcele Regina Nogueira. **Museus e arquivos: em busca de fontes para estudar os públicos**. In: *História, Ciência e Saúde – Manguinhos* v.17 n.3 Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702010000300014&script=sci_arttext Acesso em: 15 set. 2017

KÖPTCKE, Luciana; Cazelli, Sibebe; Lima, José Matias de. **Museus e seus visitantes**. Relatório de pesquisa perfil-opinião 2005. Fundação Oswaldo Cruz. IPHAN. Rio de Janeiro 2008. Observatório de museus e centro culturais.

MARTINS, L. C.; et al. **Que público é esse?** Formação de público de museus e centros culturais. 1º ed. Editora: Percebe, São Paulo, 2013.

MENSCH, Peter Van. **O Objeto de estudo da museologia**. UNI-RIO/UGF. Rio de Janeiro, 1994.

MORTARA, Adriana. **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. V.12. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000400003 Acesso em: 05 out. 2017

MOREIRA, Fernando João de Matos. **Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais**. In: *Musas – Revista Brasileira de Museu e Museologia*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. N3, 2007.

MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA. **O Museu**. Disponível em: <http://www.cultura.sc.gov.br/espacos/mhsc/o-museu> Acesso em 14 de maio de 2019.

OLIVEIRA, Sílvia & SILVA, Bento. **O museu e a escola: que relação?** O caso do Museu Agrícola de Entre Douro e Minho. In A. Barca, M. Peralbo, A. Porto, B. Duarte

da Silva & Almeida, L. (Eds.). Actas do IX Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogía. Corunha: Universidade da Corunha, pp. 2460-2471, 2007.

SANTOS, Eloísa Pérez. **La evaluación psicológica en los museos y exposiciones: fundamentación teórica y utilidad de los estudios de visitantes.** Tese de doutorado. Faculdade de Psicologia. Universidad Complutense de Madrid. Madrid: 1998.

SANTOS, Eloísa Pérez. **Estudios de público en museos: metodología y aplicaciones.** Gijón: Trea, 2000.

PRIMO, Judite. **Museologia.** Cadernos de Sociomuseologia / nº 15. ULHT, 1999; Lisboa, Portugal. p.111-121

SANCHÉZ, Carlos Ojeda. **La visita al museo como experiencia metodología para la medición del grado de satisfacción del visitante.** Revista de los museos de Andalucía. Octubre. 2008.

SANT'ANNA, Ana Patrícia dos Santos. **Relatório de estágio de Mestrado em Museologia** – estudo de públicos no Museu São Roque. Março de 2010. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa.

SUANO, Marlene. **O que é museu.** São Paulo: Brasiliense, 1986, 101p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** trad. Daniel Grassi - 2.ed. - Porto Alegre : Bookman, 2001.

Apêndice A: Orientações de preenchimento da tabela de agendamento semanal

Orientações para o preenchimento da tabela de agendamento semanal

Para o preenchimento correto da tabela de agendamento semana é necessário estar atento aos seguintes itens:

- Especificar o ano do grupo agendado e se faz parte do ensino infantil, ensino fundamental, médio ou superior;

Exemplo:

- i. Ensino Infantil: I;
- ii.1º ano do Ensino Fundamental: 1F;
- iii.2º ano do Ensino Fundamental: 2F;
- iv.3º ano do Ensino Fundamental: 3F;
- v.4º ano do Ensino Fundamental: 4F;
- vi.5º ano do Ensino Fundamental: 5F;
- vii.6º ano do Ensino Fundamental: 6F;
- viii.7º ano do Ensino Fundamental: 7F;
- ix.8º ano do Ensino Fundamental: 8F;
- x.9º ano do Ensino Fundamental: 9F;
- xi.1º ano do Ensino Médio: 1M;
- xii.2º ano do Ensino Médio: 2M;
- xiii.3º ano do Ensino Médio: 3M;
- xiv. Ensino Superior: S.

- Quando o grupo apresentar mais de um ano, preencher com as letras MS (misto);
- Acrescentar o número de responsáveis acompanhando o grupo;
- No Ensino Superior, especificar o curso;
- Confirmar o número de estudantes presentes no dia da visita.

Apêndice B: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1991

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL - 1991													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série									30				30
2ª série												27	27
3ª série									91	48	115		254
4ª série									509	200	779	118	1606
5ª série												31	31
6ª série													0
7ª série											46		46
8ª série										32	143	53	228
MISTO									46	217	285	135	683
Total	0	0	0	0	0	0	0	0	676	497	1368	364	2905

Apêndice C: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1992

TOTAL 1992													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola						15		74	22	30	15	36	192
Primeiro Grau	42		100	138	114	387	394	1131	423	957	2000	874	6560
Segundo Grau						110		26			108		244
EJA									7				7
Ensino Superior										25	10		35
Outros					37	11		50	116		207	43	464
Total	42	0	100	138	151	523	394	1281	568	1012	2340	953	7502

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL - 1992													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série			14					6					20
2ª série						15		437	21				473
3ª série					28	51	178	103		238	147	13	758
4ª série	12					196	50	505	296	614	1005	73	2751
5ª série				86	30					51	15		182
6ª série						30	16	25			90		161
7ª série	30					35			30	19	58		172
8ª série								10			416	449	875
MISTO			86	52	56	60	150	45	76	35	269	339	1168
Total	42	0	100	138	114	387	394	1131	423	957	2000	874	6560

Apêndice D: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1993

TOTAL – 1993													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola				40		24	20	15		22		30	151
Primeiro Grau			46	477	140	197	532	805	1211	972	1688	1058	7126
Segundo Grau	40					22							62
EJA													0
Ensino Superior													0
Outros							17	63	23	20	47		170
Total	40	0	46	517	140	243	569	883	1234	1014	1735	1088	7509

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL - 1993													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série											40	25	65
2ª série								226	69		83		378
3ª série				21	20	75		75	385		103	120	799
4ª série				102	72	48	120	135	602	593	1045	423	3140
5ª série				105			170			65	31	32	403
6ª série				58			68				40		166
7ª série					48	34	12			62	141	84	381
8ª série								132			172	101	405
MISTO			46	191		40	162	237	155	252	33	273	1389
Total	0	0	46	477	140	197	532	805	1211	972	1688	1058	7126

Apêndice E: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1994

TOTAL – 1994													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola			50	9					38		17		114
Primeiro Grau			106	361	25	109	341	1027	1294	1262	1579	670	6774
Segundo Grau													0
EJA													0
Ensino Superior										42			42
Outros							40						40
Total	0	0	156	370	25	109	381	1027	1332	1304	1596	670	6970

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 1994													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série				10						50	38		98
2ª série			30	22				262	352				666
3ª série			35	48			126		25	238	56	156	684
4ª série						29		502	623	684	1066	275	3179
5ª série			41	37				46					124
6ª série				47					71		46		164
7ª série				96			30			24	106		256
8ª série								144	28	50	101	112	435
MISTO				101	25	80	185	73	195	216	166	127	1168
Total	0	0	106	361	25	109	341	1027	1294	1262	1579	670	6774

Apêndice F: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1995

TOTAL – 1995													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola			31					44		58			133
Primeiro Grau			627	35	495	428	319	1430	1474	2254	3004	696	10762
Segundo Grau						22	15	50		150	125	22	384
EJA													0
Ensino Superior			2			30					2		34
Outros			37		18	44	60			30	2		191
Total	0	0	697	35	513	524	394	1524	1474	2492	3133	718	11504

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 1995													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série			15	35				18	13	85	10		176
2ª série			214					354	68	17	37		690
3ª série			144		20	60	42	109	50	239	154		818
4ª série			72		245	164	184	417	1232	1039	1601	317	5271
5ª série					55	32	16	44	111	72	65		395
6ª série					68	109		160		184	277		798
7ª série						47	22			217	84	55	425
8ª série										14	215	137	366
MISTO			182		107	16	55	328		387	561	187	1823

Total	0	0	627	35	495	428	319	1430	1474	2254	3004	696	10762
-------	---	---	-----	----	-----	-----	-----	------	------	------	------	-----	-------

Apêndice G: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1996

TOTAL – 1996													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola					20					130			150
Primeiro Grau			286	91	221	18	217	457	920	1533	1946	236	5925
Segundo Grau	50							50	25	60	27		212
EJA													0
Ensino Superior										30	40		70
Outros						80	190			57			327
Total	50	0	286	91	241	98	407	507	945	1810	2013	236	6684

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 1996													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série			16					250					266
2ª série										305			305
3ª série			139	26					199	156	30		550
4ª série			16				15	207	191	265	842		1536
5ª série												70	70
6ª série				15	221	18			40	42			336
7ª série										140	60		200
8ª série							80			80	38	44	242
MISTO			115	50			122		490	545	976	122	2420
Total	0	0	286	91	221	18	217	457	920	1533	1946	236	5925

Apêndice H: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1997

TOTAL – 1997													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola				20				20	120	156	20		336
Primeiro Grau			40	1185	365	200	348	407	981	932	1836	355	6649
Segundo Grau				152		18	106	50			40		366
EJA				100						90			190
Ensino Superior													0
Outros	7			30		76				29	31		173
Total	7	0	40	1487	365	294	454	477	1101	1207	1927	355	7714

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 1997													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série				19									19
2ª série							36		225			38	299
3ª série						120	102	78	85	74	48		507
4ª série					250	45	170	80	255	395	1275	140	2610
5ª série													0
6ª série				85		35	40	52	68	22			302
7ª série				147									147
8ª série			40	280				162		35	110		627
MISTO				654	115			35	348	406	403	177	2138
Total	0	0	40	1185	365	200	348	407	981	932	1836	355	6649

Apêndice I: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 1999

TOTAL – 1999													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola								126	32	58	20		236
Primeiro Grau						123	632	676	1338	3115	3050	399	9333
Segundo Grau							59	47	116	76	76	70	444
EJA									4				4
Ensino Superior								20					20
Outros							72	56		73	40	204	445
Total	0	0	0	0	0	123	763	925	1490	3322	3186	673	10482

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 1999													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série													0
2ª série									40	49	45		134
3ª série							89	119	92	207	288		795
4ª série						39	141	95	880	1696	1808	159	4818
5ª série										31	101		132
6ª série							130	108	163	635	16		1052
7ª série									23	63	9		95
8ª série								16	17	58	246	142	479
MISTO						84	272	338	123	376	537	98	1828
Total	0	0	0	0	0	123	632	676	1338	3115	3050	399	9333

Apêndice J: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2000

TOTAL – 2000													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola			42	30	13	41							126
Primeiro Grau	37	93	379	226	2169	2043	1096	67	77		683		6870
Segundo Grau				39	48	69	103		9				268
EJA			60	12	63	34							169
Ensino Superior				50	32	12							94
Outros		30	123		29	75	4	44					305
Total	37	123	604	357	2354	2274	1203	111	86	0	683	0	7832

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 2000													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série			70		44	150							264
2ª série				15	51	15	23						104
3ª série		52		20	78	132	60						342
4ª série		22	193	131	50	166	59	30	77		563		1291
5ª série			19		121	201	99				40		480
6ª série		19			504	380	293						1196
7ª série			17		219	212		37					485
8ª série				19	354	264	158						795
MISTO	37		80	41	748	523	404				80		1913
Total	37	93	379	226	2169	2043	1096	67	77	0	683	0	6870

Apêndice K: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2001

TOTAL – 2001													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola											104		104
Primeiro Grau											3424	787	4211
Segundo Grau											107	45	152
EJA											65	35	100
Ensino Superior											59		59
Outros											60	89	149
Total	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3819	956	4775

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 2001													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série													0
2ª série											35	22	57
3ª série											372	48	420
4ª série											2255	365	2620
5ª série											169		169
6ª série											200		200
7ª série											71		71
8ª série											142	202	344
MISTO											180	150	330
Total	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3424	787	4211

Apêndice L: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2002

TOTAL – 2002													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola			131	631	16				94	27	22		921
Primeiro Grau	76	183	2419	2302	652	806	226	811	2091	2158	2849	334	14907
Segundo Grau	30	40		6	25					23	40		164
EJA			77	107		80	167		60		30	35	556
Ensino Superior			40	154		50	24		113	80	24	54	539
Outros			91	24	119	180	38	12	151	58	140	176	989
Total	106	223	2758	3224	812	1116	455	823	2509	2346	3105	599	18076

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 2002													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série			321										321
2ª série			557	72	19	30				41	53	12	784
3ª série	20			199	70	107				99	397	10	902
4ª série			129	337	355	117				620	1565	122	3245
5ª série		38	256	90		33						6	423
6ª série			173	229		52				84	38		576
7ª série		74	274	126	75					230	92	23	894
8ª série	56	71	144	154		107				59	103	122	816
MISTO			565	1095	133	360	226	811	2091	1025	601	39	6946
Total	76	183	2419	2302	652	806	226	811	2091	2158	2849	334	14907

Apêndice M: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2003

TOTAL – 2003													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola			34	12	61		7	31		39		7	191
Primeiro Grau			284	304	884	582	608	1148	1870	2302	3218	640	11840
Segundo Grau	20				37	60	7	80			149	9	362
EJA					24	50				106			180
Ensino Superior			48	31		123	15					7	224
Outros			70	102	38	161	64	107	56	77	177	38	890
Total	20	0	436	449	1044	976	701	1366	1926	2524	3544	701	13687

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL – 2003													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
1ª série				100	42					79		35	256
2ª série			42			23		15	27	150	42	21	320
3ª série				19	78	82		210	180	276	259	14	1118
4ª série			51	16	378	223	49	298	1190	1075	2120	270	5670
5ª série				13	30		19			15	65		142
6ª série				128	104		73	32	117	203	63		720
7ª série					83	29	28	25		119	50		334
8ª série				28	29			45	108	167	105	55	537
MISTO			191		140	225	439	523	248	218	514	245	2743
Total	0	0	284	304	884	582	608	1148	1870	2302	3218	640	11840

Apêndice N: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2004

TOTAL – 2004													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola				42	27	114		11	86			11	291
Primeiro Grau	40		457	569	625	833	250	526	1565	1522	2727	602	9716
Segundo Grau					97	78	95	165	113	79			627
EJA					26								26
Ensino Superior			20	80	74	35		25	34	33	8		309
Outros					65		22			67	85		239
Total	40	0	477	691	914	1060	367	727	1798	1701	2820	613	11208

Apêndice O: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2005

TOTAL - 2005													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola								23	44		12		79
Primeiro Grau			429	351	593	718	980	803	2075	2178	3150	470	11747
Segundo Grau					20	24	36	132	104	92	12	165	585
EJA			14		12	78				38			142
Ensino Superior				31	13	232	42	66	25	15			424
Outros						22		75	27	162		97	383
Total	0	0	443	382	638	1074	1058	1099	2275	2485	3174	732	13360

Apêndice P: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2006

TOTAL – 2006													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pré-escola			69	27			35	39			20	21	211
Primeiro Grau			339	359	780	408	266	1146	1784	1983	3014	667	10746
Segundo Grau			28		67	28	27	190	53	129	63	124	709
EJA					38	30	31						99
Ensino Superior				71	164	8	50		60	44	61	17	475
Outros						16	43	74	46	108		69	356
Total	0	0	436	457	1049	490	452	1449	1943	2264	3158	898	12596

Apêndice Q: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2007

TOTAL - 2007													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil			23	23	75	45	25	30		11	20		252
Ensino Fundamental		10	395	640	708	800	401	1101	1928	2613	2433	508	11537
Ensino Médio			20	68	59		31	73	128	163	109	147	798
EJA				24				20		81			125
Ensino Superior		27		10		130	16	51			20		254
Outros	8	19		28	75	118	42	31		184	127		632
Total	8	56	438	793	917	1093	515	1306	2056	3052	2709	655	13598

Apêndice R: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2008

TOTAL - 2008													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil						22	39	40	16	34			151
Ensino Fundamental			332	719	863	805	487	1001	2226	1677	1964	379	10453
Ensino Médio	36	29	56	143	102	150		66	51	71	30	69	803
EJA											30		30
Ensino Superior			34		76	44		14	36	48			252
Outros		33	128	59	214	110	39	85	25	76	191		960
Total	36	62	550	921	1255	1131	565	1206	2354	1906	2215	448	12649

Apêndice S: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2009

TOTAL - 2009													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil						62	106	14		33	14		229
Ensino Fundamental		57	1019	398	754	919	222	463	1022	2045	2910	431	10240
Ensino Médio				147	18	124	41		18	130	167		645
EJA						9	15		41				65
Ensino Superior				65		92		20	105	46	29		357
Outros		24	59	72		26	36	105		19	21	94	456
Total	0	81	1078	682	772	1232	420	602	1186	2273	3141	525	11992

Apêndice T: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2010

TOTAL - 2010													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil									27	66	68		161
Ensino Fundamental			465	178	721	353	226	873	1082	1565	1564	196	7223
Ensino Médio			8	86	154	145	246	15	80	68	141	20	963
EJA				10					8				18
Ensino Superior			74	50		20	10	54	52	52	48	16	376
Outros	79	50			9	66	35	42	79	77	121	188	746
Total	79	50	547	324	884	584	517	984	1328	1828	1942	420	9487

Apêndice U: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2011

TOTAL - 2011													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil			22	31	30	38	44	22	15	47	99		348
Ensino Fundamental			457	812	771	572	357	693	1003	2346	3085	852	10948
Ensino Médio			111	110	45			99	123	95	213	186	982
EJA					34				10		23		67
Ensino Superior			30	105	14	33	85		30	37	84		418
Outros		25	106	40	17	85	23	65	139	155	118	133	906
Total	0	25	726	1098	911	728	509	879	1320	2680	3622	1171	13669

Apêndice V: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2012

TOTAL - 2012													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil					12	53		30		46	15	26	182
Ensino Fundamental			622	388	792	714	392	769	1186	1982	2986	206	10037
Ensino Médio			35	100	36	134	185	35	22		304	86	937
EJA									4				4
Ensino Superior	38		67	15	63	37	63	8	71	35	28	61	486
Outros	87	131	50	157	96	36	56	66	11	25	288	32	1035
Total	125	131	774	660	999	974	696	908	1294	2088	3621	411	12681

Apêndice X: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2013

TOTAL - 2013													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil			18	34	47			67	17				183
Ensino Fundamental	136		566	490	616	833	507	825	1200	1141	1645	383	8342
Ensino Médio			26	223	222	47	42	91	171	159	117	162	1260
EJA								37		8	14		59
Ensino Superior			21	133	154	64		22	11	13	16	60	494
Outros		42	150				34	69	255	65	87	24	726
Total	136	42	781	880	1039	944	583	1111	1654	1386	1879	629	11064

Apêndice Y: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2014

TOTAL – 2014													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil						23	59	12	40	17			151
Ensino Fundamental			271	466	1231	488	368	936	1087	1450	1766	223	8286
Ensino Médio			19	154	119		37	78	200	59	100	40	806
EJA			17	10					63	23		7	120
Ensino Superior			102		160	17	28		46	18	6	8	385
Outros	8		59	53	10			73	54			6	263
Total	8	0	468	683	1520	528	492	1099	1490	1567	1872	284	10011

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL - 2014													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
EF1			22				42		18				82
EF2			25				97	24		25			171
EF3			26	167	175	58	128	23				44	621
EF4			118	51	76	16	101	177	86	121	410		1156
EF5			25		432	109		325	617	970	859	154	3491
EF6				21	59								80
EF7			19	42	45	15		30	54				205
EF8			7		176	130		55	134	38	97	25	662
EF9										12			12
MISTO			29	185	268	160		302	178	284	400		1806
Total	0	0	271	466	1231	488	368	936	1087	1450	1766	223	8286

Apêndice Z: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2015

TOTAL – 2015													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil				51			76	36			19		182
Ensino Fundamental			306	516	298	351	424	457	1087	1095	1750	448	6732
Ensino Médio			130			80	113	66	101	118	59	17	684
EJA						23	51						74
Ensino Superior			35	174	162	59		71	20	79	20		620
Outros				36	25	84		23	36	26		5	235
Total	0	0	471	777	485	597	664	653	1244	1318	1848	470	8527

TOTAL ENSINO FUNDAMENTAL - 2015													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
EF1					10								10
EF2				52					63	23			138
EF3			64	121		19	18	187	40	68	120	83	720
EF4				66		32	70	135	154	248	357	19	1081
EF5			106	122	148	64	253	98	529	483	846	278	2927
EF6				38	61		30		7	56			192
EF7						35							35
EF8					9				47	33	82	8	179
EF9					37				41	31		34	143
MISTO			136	117	33	201	53	37	206	153	345	26	1307
Total	0	0	306	516	298	351	424	457	1087	1095	1750	448	6732

Apêndice AA: Tabulação Livro de registro de visitas agendadas 2016

TOTAL - 2016													
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Ensino Infantil					41	35					52		128
Ensino Fundamental			210	373	734	694	325	520	1338	1209	1235		6638
Ensino Médio		40	34	114	27		23	55	123	63	247		726
EJA				31	14					5			50
Ensino Superior		21	12	92	64	84		60	27	162	61		583
Outros		15		48	10	45	12	21	26	16	33		226
Total	0	76	256	658	890	858	360	656	1514	1455	1628	0	8351